

MÃE TRINIDAD DE LA SANTA MADRE IGLESIA
SÁNCHEZ MORENO
Fundadora de A Obra da Igreja

*Cristo crucificado,
vítima de redenção*

* * * *

*O Mistério transcendente da fé,
iluminado pelos dons
e frutos do Espírito Santo,
repleta-nos de esperança,
fazendo-nos viver em luz amorosa
de penetrante sabedoria
o dogma riquíssimo
de nossa Santa Mãe Igreja*

* * *

Jesus no sopé do monte

* *

*«Meu Deus, meu Deus,
por que me abandonaste...?»*

*

*Bem-vindo seja o Homem
ao Seio do Pai!*



Editorial Eco de la Iglesia

10-2-2001

GRANDEZA INSONDÁVEL E TRANSCENDENTE DO MISTÉRIO DA FÉ

Imprimatur: Joaquín Iniesta Calvo-Zataráin
Vigário Geral
Madrid, 12-10-2005

2ª EDIÇÃO

Separata de livros inéditos da Mãe Trindade de la Santa Madre Iglesia Sánchez Moreno e dos livros publicados:

«VIVENCIAS DEL ALMA» e «FRUTOS DE ORACIÓN»

© 2005 EDITORIAL ECO DE LA IGLESIA

1ª Edição espanhola: Março 2001

A OBRA DA IGREJA

ROMA - 00149 MADRID - 28006
Via Vigna due Torri, 90 C/ Velázquez, 88
Tel. 06.551.46.44 Tel. 91.435.41.45

E-mail: informa@laobradelaiglesia.org
www.laobradelaiglesia.org

www.clerus.org *Santa Sé: Congregação para o Clero*
(Librería - Espiritualidad)

ISBN: 978-84-86724-79-5

Depósito legal: M. 48.265-2007

Afundada penetrativamente no pensamento divino, abismada na sua profundidade e adentrada no seu transcendente, infinito e eterno mistério; necessito, do modo que lhe seja possível à pequenez do meu nada e a pobreza da minha ruindade, expressar algo do que a minha alma, transcendida à excelência do Infinito Ser, bebendo nos caudais da sua eterna sabedoria, descobre das doações de Deus à sua Igreja; as quais se nos comunicam através do seu dogma riquíssimo pelo mistério da fé, sublimada pela esperança e acesa no amor;

sob o impulso de Deus que me lança a expressar do modo que possa o que põe na minha alma, e vou recebendo com coração simples e espírito aberto na sapiência da sua coeterna e infinita vontade durante os meus longos tempos de oração, especialmente perto do sacrário, junto ao Deus do sublime Sacramento.

Para que manifeste quanto, entre esplendores de santidade ou em noites cerradas de profundos e dilacerantes Getsêmani, o Infinito Ser, pondo-me na Fonte do gerar divino, faz-me escutar, receber e proclamar, imprimindo-o no

mais profundo da medula do meu espírito, dos mistérios divinos;

e que, por meio da Palavra Infinita d'Aquele que É, manifesta-se-nos em e através da Santa Mãe Igreja com coração de Pai, expressão de infinitos cantares do Verbo, sob o amor cantante e subjugante, em profundo e amoroso saboreamento, do Espírito Santo.

Experimentando o néctar riquíssimo da sua mesma Divindade, que me faz aderir por minha vida de fé, cheia de esperança e repleta de caridade, ao mandato do Pai, quando «na montanha sagrada desde a magnífica glória se faz ouvir aquela voz que dizia: “Este é o meu Filho amado em quem me comprazo; escutai-o”»¹.

E assim o Excelso Ser, diante da recepção de nossas vidas em adesão à sua vontade infinita e coeterna, seja mais conhecido, amado e buscado; não tendo que escutar-se já na terra as dolorosas palavras da Sagrada Escritura:

«Veio para o que era seu e os seus não o receberam»²; «Procurei quem me consolasse, mas não encontrei»³; porque buscou quem o escutasse, o compreendesse e o recebesse e não o encontrou, do modo e da maneira que o Divino Mestre necessita comunicar-se aos que ama.

E assim possamos chegar a cumprir o fim supremo, inimaginavelmente maravilhoso, ao que nos destinou Aquele que É coeterna e infinita-

¹ 2 Pd 1, 17-18; Mt 17, 5. ² Jo 1, 11. ³ Sl 68, 21.

mente, ao criar-nos à sua imagem e semelhança, só e exclusivamente para que o possuíssemos.

O qual, por Cristo, através de Maria, e no seio espaçoso da Santa Mãe Igreja, dando-se-nos em expressão infinita de sabedoria amorosa, com o derramamento de todos os seus dons e frutos, conduz-nos à consecução, segundo o desígnio da sua infinita vontade, de que sejamos, por Cristo, com Ele e n'Ele, filhos seus, herdeiros da sua glória e partícipes da vida divina.

Aqui em fé, mais ou menos saboreável, segundo a adesão do nosso espírito às palavras do Divino Mestre; e ao desígnio de Deus em derramamento amoroso recaindo sobre o homem, para que cada um, sendo membro vivo e vivificante do Corpo Místico de Cristo, encha a sua peculiar vocação dentro do Povo de Deus; pois como diz o Apóstolo: «a cada um é dada a manifestação do Espírito, em vista do bem de todos»⁴.

Jesus, ao fundar a sua Igreja, se disse a ela num dito de amor tão divino e maravilhoso, que, ao que é a Palavra Infinita do Pai, não lhe ficou nada por dizer.

Porque tão superabundantemente realizou-o, que manifestou aos seus Apóstolos: «Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que seu senhor faz; mas vos chamo amigos, porque tudo o que ouvi de meu Pai vos dei a conhecer»⁵.

⁴ 1 Cor 12, 7. ⁵ Jo 15, 15.

Enviando-os depois por todo o mundo a pregar o Evangelho: «Ide e fazei discípulos meus todos os povos, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, e ensinando-os a observar tudo o que vos ordenei»⁶. «Aquele que crer e for batizado será salvo; o que não crer será condenado»⁷.

O que pode faltar à Igreja, Esposa de Cristo, que não tenha, e que pôde dizer-lhe que não lhe dissesse para que o manifestasse, Aquele que, sendo a Palavra Infinita do Pai em dito amoroso de divinos e substanciais cantares, entregou-se por ela com todo o fruto da sua rendição; e amando-a até o extremo e até o fim ficou com a Mãe Igreja para que não lhe ficasse nada por dizer-lhe nem doar-lhe?!: «E eis que Eu estou convosco todos os dias, até a consumação do mundo»⁸.

«Cristo amou a Igreja e se entregou por ela para santificá-la, a fim de purificá-la com o banho da água pela palavra, para apresentar a si mesmo a Igreja, gloriosa, sem mancha nem ruga, ou coisa semelhante, mas santa e irrepreensível»⁹.

Pelo que, no seio da Santa Mãe Igreja, ninguém tem nada de novo que dizer; pois, por meio do mistério da sua encarnação, vida, mor-

⁶ Mt 28, 19-20.

⁸ Mt 28, 20.

⁷ Mc 16, 16.

⁹ Ef 5, 25.

te e ressurreição, Cristo manifestou e disse tudo à humanidade por e através dela; depositando no seio da Santa Mãe Igreja, divina e divinizante, nova e celestial Jerusalém, todos os tesouros da sabedoria e ciência de Deus, contidos e arremansados na sua ânfora preciosa, repleta de Divindade, com o mandato de Cristo de comunicá-lo aos homens de todo povo, língua, raça e nação.

Sendo a Igreja a mina riquíssima que encerra nas suas entranhas de Mãe universal o mesmo Deus, vivendo nela, e fazendo-a templo e morada do Altíssimo; em manifestação esplendorosa, cheia de sabedoria e amor, da vontade do Pai que, em expressão divina e humana, pelo seu Verbo Encarnado, dá-se-nos sob o impulso avassalador do Espírito Santo, que nos envia como mensageiros em proclamação da sua mensagem com ocasião e sem ela.

Cristo fez a sua Igreja, com Ele e n'Ele, Palavra viva que expressa Deus e Caminho que nos manifesta a Verdade e nos conduz ao amanhã luminosíssimo e gloriosíssimo da Eternidade, onde a nossa esperança ficará cumprida e repleta na posse do amor perfeito e acabado que nunca se termina, porque passou o tempo e chegou o fim.

E ali, no dia luminoso e sem ocaso do encontro definitivo com Deus, viveremos para sempre «transformados à sua Imagem, com uma

glória cada vez maior»¹⁰, e sendo «semelhantes a Deus porque o veremos tal qual Ele é»¹¹ em companhia dos Anjos e de todos os Bem-aventurados;

abrasando-nos num ato de amor puro diante da posse do Bem único e supremo, dando glória ao Pai, glória ao Filho e glória ao Espírito Santo;

em desfrute ditosíssimo e gloriosíssimo do mesmo Deus que, introduzindo-nos na câmara recôndita das suas Bodas eternas, é o único capaz de satisfazer todas as exigências e apetências do coração do homem com a saciedade infinitamente ultrapassada e eternamente possuída pela participação da sua mesma vida divina.

Por meio do Sacramento do Batismo passamos a ser filhos de Deus, templos vivos do Espírito Santo. Vivendo, no nosso peregrinar pelo desterro rumo à Casa do Pai, uma antecipação de Eternidade por meio da fé. A qual, se aderimo-nos a ela com amor, cheio de esperança, vai preparando-nos para a consecução do fim essencial para o qual fomos criados, e único capaz de saciar as nossas fomes de felicidade, de amar e de ser amados, de possuir, em posse do Infinito Ser!, infinitamente transcendidos diante da perfeição de Aquele que *se É, sido e estando-se-o* sendo em si, por si e

¹⁰ 2 Cor 3, 18.

¹¹ 1 Jo 3, 2.

para si, Aquele que é eternamente em plenitude coeterna e infinita de Divindade.

Que, em derramamento de amor misericordioso, em e através da Santa Mãe Igreja, não só vem a morar em cada homem pela graça santificante –já que «se alguém me ama guardará a minha palavra, e o meu Pai o amará, e a ele viremos e nele estabeleceremos morada»¹²–; mas que, levantando-nos à excelência da sua Alteza, faz-nos acercar-nos «do monte Sião e da Cidade do Deus vivo, a Jerusalém Celeste, e de milhões de Anjos reunidos em festa, e da assembléia dos primogênitos cujos nomes estão inscritos nos Céus, e de Deus, o juiz de todos, e dos espíritos dos justos que chegaram à perfeição, e de Jesus, Mediador de Nova Aliança, e do sangue da aspensão»¹³.

Por isso quem tenha fome e sede de amor e de ser amado, de riqueza, de formosura, de posse, e de felicidade...; todo aquele que apeetece sem encontrar o que busca, que venha ao seio da Santa Mãe Igreja, repleta e saturada de Divindade; que nela Deus abre-nos os afluentes dos eternos Mananciais, e por ela, «na sua luz nós vemos a Luz»¹⁴ que Cristo trouxe-nos sendo a «Luz para iluminar as nações, e Glória de Israel»¹⁵.

¹² Jo 14, 23.

¹⁴ Cf. Sl 35, 10.

¹³ Hb 12, 22 ss.

¹⁵ Lc 2, 32.

«Eu vi água vertendo por debaixo da soleira do templo em direção leste, a água corria do lado direito do templo, ao sul do altar.

Quando o homem saiu em direção leste com uma corda de medir na mão, mediu quinhentos metros e me fez atravessar a água, que chegava até os tornozelos... Mediu outros quinhentos metros, e era um rio que eu não podia atravessar. Porque as águas haviam crescido tanto que se tornaram um rio impossível de atravessar...

Voltando, eu vi junto à margem muitas árvores de um e do outro lado do rio. Ele me disse: “Estas águas correm em direção do distrito oriental, descem para a Arabá e desembocam no mar, nas águas salgadas, e elas são sanadas. Haverá vida aonde quer que o rio chege...”

Nas margens junto ao rio, de ambos os lados, crescerá toda espécie de árvores frutíferas, cujas folhas não cairão e cujos frutos jamais terminarão. Cada mês darão novos frutos, pois as águas que os banham saem do Santuário. Seus frutos servirão de alimento e suas folhas como remédio”¹⁶.

Todo aquele que queira receber a mensagem de vida eterna que Cristo nos veio comunicar, tem que ir beber nos afluentes torrenciais da Mãe Igreja; e ali e desde ali, recolhendo do

¹⁶ Ez 47, 1-12.

lado de Cristo todos os tesouros da sabedoria e ciência de Deus que se derramam a borbotões sobre a Santa Mãe Igreja, repletando-a em saturação, esparja-os por todo o mundo para que «a terra fique cheia do conhecimento de Iahweh, como enchem as águas o mar»¹⁷.

Igreja minha...! Que formosa és...! És «Jardim florido», Igreja minha, «jardim fechado, fonte selada!». «Teus olhos são pombas, vistos através do teu véu». «És toda bela, minha amada e não tens um só defeito»¹⁸.

O que Deus pôde dar-te que não te desse nem presentear-te que não te presentearias, quando o mesmo «Deus desposou-se contigo em justiça e amor»¹⁹, metendo-te no recôndito do seu peito bendito e ficando a morar no teu seio de Mãe para que o manifestes; de forma que a tua real Cabeça, a tua glória, a tua coroa e a tua Palavra, é o mesmo Verbo Infinito do Pai, Encarnado, Expressão Canora das eternas perfeições: «E o pôs, sobretudo, como Cabeça da Igreja, que é o seu corpo: a plenitude d'Aquele que plenifica tudo em todos»²⁰; sendo o amor em que te abrasas o mesmo Espírito Santo, que te tem acesa já que «metade de romã são tuas faces»²¹, ó Cidade santa, nova e celestial Jerusalém!, nas letificantes chamas do ímpeto infinito dos seus amores eternos?!

¹⁷ Cf. Is 11, 9.

¹⁹ Cf. Os 2, 21.

²¹ Ct 4, 3.

¹⁸ Ct 4, 1.7.12.

²⁰ Ef 1, 22-23.

Pelo que é necessário, que abramos o nosso coração, para viver bebendo dos eternos Mananciais, a todas as palavras, –arremansadas no seio da Igreja– pronunciadas desde a criação do mundo por quem é o Princípio e o Fim, o Alfa e o Ômega, através do Antigo Testamento; mediante o qual Iahweh foi-nos preparando como único Deus verdadeiro, para a vinda do seu enviado Jesus Cristo; o Homem Deus, o Cordeiro Degolado, único capaz de «abrir o livro e soltar os sete selos: pois foste imolado e, por teu Sangue, resgataste para Deus homens de toda tribo, língua, povo e nação. Deles fizeste, para nosso Deus, uma realeza e sacerdotes; e eles reinarão sobre a terra»²².

Pois mediante o derramamento do seu sangue para a restauração e salvação da humanidade, Cristo repara a Santidade do Deus três vezes Santo, «Rei dos Reis e Senhor dos senhores»²³, ofendida pelo homem; unindo a humanidade caída com a Infinita Santidade d'Aquele que É, pela união hipostática da natureza divina e a natureza humana na pessoa do Verbo, em matrimônio indissolúvel de amores eternos: «Eu te amei com amor eterno»²⁴.

Para que, pela plenitude do Sacerdócio de Cristo, sendo tão homem como Deus e tão Deus como homem, em derramamentos dos seus dons eternos, levantasse os homens à dignidade de poder chegar a ser, segundo o pensamento divi-

²² Ap 5, 9b-10.

²³ Ap 19, 16.

²⁴ Jr 31, 3.

no, filhos de Deus no seu Unigênito, e co-herdeiros da sua glória em participação de gozo ditosíssimo e eterno da sua mesma vida divina: «Bem-aventurada culpa que nos mereceu tal Redentor!»²⁵.

Fervem na minha mente
belos pensamentos,
ternuras imensas,
colóquios de amor,
ante o grande mistério,
sublime e excelso
de Deus feito Homem
e o Homem que é Deus.

O qual levantara
pela plenitude
do seu Sacerdócio
o homem caído
na sua prostração,
a sublimidades
de tanta clemência
que fez possível
a sua restauração.

Potência potente
de Deus feito Homem
em derramamento
da sua compaixão!,
que busca salvar-nos
pela grande potência
plena de excelência

²⁵ Cf. Pregão Pascal.

e a excelsitude
da sua perfeição:
Deus que geme e chora,
envolto em fraldas,
que morre sangrando
como Redentor...!

Mistério infinito!
que, em seus teclares,
vai manifestando
a glória de Deus;
de Aquele que, na altura
do seu poderio,
é Amor que ama
e é Amor que pode
pela sua perfeição,
e Amor que se entrega
em dito de amores,
que morre sangrando
em crucificação.

Delírios divinos
entre Deus e o homem,
romances eternos
de conversação...;
mistérios que encerram
como Deus nos ama
desde a excelência
da sua perfeição.

E minha alma adorante
toda reverente,

em sua prostração
responde ao Eterno
ante a excelência
da cercania
do passo de Deus,
do modo que pode
anonadada
desde sua baixaza.

Proclama, alma minha,
todos os cantares
que, na profundidade profunda
do seio de Deus,
Ele manifestara
ao teu ser enchido,
quando me enviara
a manifestar-lhe
em proclamações
da sua perfeição.

Minha alma silente,
escuta adorante
o Verbo Infinito
do Gerador,
que põe na minha boca
seus doces acentos
que tenho de repetir
com minha pobre voz,
só como o Eco
da Mãe Igreja,
rompendo em cantares
de proclamação;
clamando aos homens
cheia de penares

pela veemência
de quem me enviou;
 buscando tão só
na minha pobre vida,
com meu pobre acento
e em cada momento
ser glória de Deus;
 correndo a buscá-los,
cheia de saudades,
para apresentá-los
ante o seu Amador;
e ansiando tão só
nas abrangências
da minha pobre voz
cheias de nostalgia,
um grito anelante,
profundo e palpitante:

 Glória para Deus!
vida das almas
que o glorifiquem
ante a potência
e imensa clemência,
sublime e coeterna,
da sua perfeição!

Pelo que, na minha sede ofegante, buscando incansavelmente dar glória a Deus e vida às almas, o meu ser se abrasa em urgências veementíssimas, de manifestar o que é o Infinito e seus planos eternos; e de ir expressando do modo que mais perfeita e adequadamente seja-me

possível, o que encerra para minha *alma-Igreja* o mistério transcendente da fé, cheia de esperança, que nos faz viver na terra uma antecipação de Eternidade mediante o amor do Espírito Santo; o qual nos inflama, lançando-nos sob o seu impulso ao encontro de Deus através do peregrinar desta vida, enchendo, em posse, o fim supremo para o que fomos criados.

Minha alma, sob o impulso divino e a moção do Espírito Santo, abrigada pela sombra do Onipotente e a força do seu infinito poderio, sente-se impelida a manifestar com espírito aberto e linguagem captável e simples, o que encerra em si, para proclamá-lo com ocasião e sem ela: o mistério profundo e sobrenatural que a Igreja Mãe contém no seu seio «que Ele manteve escondido desde séculos e por inúmeras gerações e que, agora, acaba de manifestar aos seus santos»²⁶;

 encomendado por Cristo aos seus Apóstolos e transmitido pelos seus Sucessores, através do dogma riquíssimo repleto de sabedoria amorosa que esta Santa Mãe encerra, contém e mantém em si, e comunica-nos através da Liturgia pela vida de fé, cheia de esperança e inflamada no amor; com todos os dons, frutos e carismas que o Espírito Santo presenteou-lhe no dia de Pentecostes para a manifestação do esplendor da glória de Iahweh, mediante o cumprimento das suas promessas, que são eternas,

²⁶ Cl 1, 26.

na nova, universal, eterna e celestial Jerusalém, Assembléia sagrada que glorifica Deus com cânticos e hinos de louvor.

«As portas de Jerusalém serão construídas com safiras e esmeraldas, e todas as muralhas, com pedras preciosas; as torres de Jerusalém serão construídas com ouro, e com ouro puro as suas muralhas. As praças de Jerusalém serão calçadas com rubis e pedras de Ofir; as portas de Jerusalém entoarão cânticos de alegria; e todas as suas casas cantarão: Aleluia!»²⁷.

«Hosana ao Filho de Davi! Bendito o que vem no nome do Senhor! Hosana no mais alto dos Céus!»²⁸.

Pelo que, ao querer manifestar o que é a vida de fé, não posso fazê-lo sem adentrar-me de alguma maneira no mistério pleno da Igreja, de tão subida e sublime excelência; onde mora a Família Divina em atividade infinita de vida, em felicidade plena, em perfeição eterna, em plenitude divina de intercomunicação trinitária, *sendo-se* aquilo que é e comunicando-se pela Igreja em manifestações infinitas de dons eternos.

Deus mora estavelmente na Igreja. Nela está vivendo a sua vida para si e para nós; dizendo-se a sua vida para si pelo seu Verbo, e para nós pelo seu Verbo Encarnado.

²⁷ Tb 13, 16b-17. ²⁸ Mt 21, 9.

Deus quis comunicar-se-nos, e para isso Cristo viveu na terra trinta e três anos. Mas isso era pouco para o seu amor infinito. Pelo que so-letrando-se-nos como Palavra do Pai em sabedoria amorosa de infinitos cantares, amando-nos e entregando-se-nos até o fim, amou-nos até o extremo e ficou conosco até a consumação dos tempos no seio da Igreja, novo Povo de Deus.

Cristo está na Igreja trazendo-nos consigo o Pai e o Espírito Santo. E ao ficar Cristo conosco, não ficou de uma maneira inativa, mas realizando em perpetuação, durante todos os tempos, o mistério da sua encarnação, vida, morte e ressurreição em doações esplendorosas pela manifestação desbordante de presentes eternos:

«Tomai, todos, e comei: isto é o meu Corpo, que será entregue por vós.

Tomai, todos, e bebei: este é o cálice do meu Sangue, o Sangue da Nova e Eterna Aliança, que será derramado por vós e por todos para remissão dos pecados.

Fazei isto em memória de mim»²⁹.

«Em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes a Carne do Filho do Homem e não beberdes o seu Sangue, não tereis a vida em vós. Quem come a minha Carne e bebe o meu Sangue tem a vida eterna e Eu o ressuscitarei no último dia. Pois a minha Carne é verdadeira comida e o meu Sangue é verdadeira bebi-

²⁹ Missal, fórmula da consagração.

da. Quem come a minha Carne e bebe o meu Sangue permanece em mim e Eu nele»³⁰.

Sendo a Santa Mãe Igreja, repleta e saturada de Divindade, a que, por meio da sua Liturgia, dos Sacramentos..., une-nos a Cristo e perpetua-nos o mistério da sua vida e o seu viver íntimo.

É a Igreja quem nos dá a missão do mesmo Cristo de comunicar a vida de Deus a todos os homens, quem nos põe em contato com as três divinas Pessoas para que vivamos da sua vida, quem nos introduz no mistério da Encarnação, e, portanto, em Maria, a Mulher prometida por Deus no Paraíso aos nossos primeiros Pais, que esmagaria a cabeça da serpente pelo Fruto do seu ventre bendito; perpetuando-nos também o sublime mistério da Maternidade divina da Virgem, que é onde e por quem se nos deu a vida divina; sendo Maria quem tem a culpa de que todos os homens encham-se de graça e vivam de Deus.

E é a Igreja quem nos levará um dia com Cristo glorioso à Eternidade.

Já que a Mãe Igreja, na sua real Cabeça, é o mesmo Cristo; que, enxertando-nos n'Ele, como a videira aos sarmentos, e fazendo-nos membros vivos do seu Corpo Místico, pela plenitude divina e divinizante do seu Sacerdócio, derrama sobre a humanidade desde a altura da sua

³⁰ Jo 6, 53-56.

Santidade Infinita, como em torrenciais afluentes, toda a Divindade que brota desde o Seio do Pai pelo lado aberto de Cristo, sob o impulso e o influxo do Espírito Santo, desbordando-se para os homens em expressão divina e humana:

«Há um rio, cujos braços alegram a Cidade de Deus, santificando as moradas do Altíssimo. Deus está em seu meio: ela é inabalável, Deus a socorre ao romper da manhã»³¹.

O mistério da Igreja é tão rico, exuberante e pleno, tão repleto de Divindade, e ao mesmo tempo é tão singelo e simplicíssimo como o mesmo Deus.

Pois, ainda que Deus é a Plenitude Infinita de perfeições intermináveis, pela sua mesma perfeição de ser não necessita de tempo para ter tudo em si mesmo e por si mesmo sido, vivido, possuído e terminado.

Pelo que Deus é a Infinita Simplicidade; já que, num ato subsistente e coeterno de vida, é e tem realizada e abrangida toda a sua infinita potência de ser. Pois, se Deus, para *ser-se*, necessitasse do tempo, seria porque a sua capacidade de ser não era tão rica que abraçasse, num ato infinito de abrangência eterna, toda a sua subsistente realidade.

A Trindade é um ato imutável de Sabedoria Sabida em Amor, tão perfeitamente, que a ati-

³¹ Sl 45, 5-6.

vidade pessoal deste ato trinitário é em três divinas Pessoas.

O Pai é a Sabedoria que, tão sábia e sabida, íntima, profunda, infinita e saboreavelmente se sabe e em tal perfeição, que o que sabe, sabido, em Expressão canora, é o seu Verbo, a sua Palavra, o seu Filho unigênito;

numa sabedoria tão eternamente amorosa na intercomunicação dos dois, que os faz romper num amor tão mútuo, que é a terceira Pessoa na vida da Trindade: Amor personificado, como fruto da sabedoria amorosa do Pai e do Filho, em abraço de amor paterno-filial.

Mas a Igreja, que mora na terra e prolonga-se no tempo, apesar de ter nas suas entranhas maternais o mesmo Deus, Cristo com o mistério sublime e transcendente da Encarnação, mediante o qual se nos dá em manifestações comunicativas de dons eternos, com a sua vida, paixão, morte e ressurreição, e a brilhantez imaculada da Virgem Mãe de Deus, Mãe da mesma Igreja e Mãe universal de todos os homens, no-lo tem que manifestar e doar durante todos os séculos no transcurso da vida de cada homem.

Que vida vive o nosso Pai Deus, de felicidade...! E que vida tão plena e cheia de Divindade encerra-se no seio espaçoso e majestoso da Santa Mãe Igreja, tão desconhecida pela maioria dos seus filhos...! E às vezes tão me-

nosprezada e até ultrajada pelos que, por não a conhecerem bem, cospem na sua face formosa através da qual o mesmo Deus se nos mostra e comunica: mediante a vontade do Pai em expressão redentora por Cristo, com gemidos inenarráveis pelo Espírito Santo.

Deus mesmo, em comunicação de Família Divina, é o viver palpitante da Igreja.

Pelo que a Igreja está estourando em Divindade, repleta de formosura e santidade, de amor e de justiça, de verdade e de paz; e através da Igreja se nos mostra o rosto de Deus na terra, porque é ela quem nos diz em conversação divina e humana durante todos os tempos –num dito que é obrá-lo em nossas almas por meio da sua Liturgia e a palavra–, a mesma vida de Deus.

Ó se eu pudesse dizer o que é a nossa Igreja santa...! Se pudesse expressar a plenitude em que se arremansa...! Se pudesse soletrar no meu delírio de amor, ainda que fosse imperfeitamente, como na Mãe Igreja estão contidos e arremansados todos os mistérios do nosso cristianismo...!

O mistério da fé é todo o depósito infinito que Cristo comunicou e perpetuou em vida, no seio da Igreja.

A vida de fé não é uma coisa fria, nem de estudo científico; é toda a riqueza plena do Infinito, dita a nós num romance de amor.

Tudo o que a Igreja nos diz e nos manifesta, continuando a canção do Verbo, é o tesouro da nossa fé.

A fé é a que nos põe em contato com Deus, porque é a que nos soletra os mistérios riquíssimos do nosso cristianismo; «é garantia antecipada do que se espera, a prova das realidades que não se vêem»³².

A fé não é crer friamente o que não se entende; «também os demônios crêem, mas estremecem»³³. É receber em sabedoria amorosa, sob a luz, a força e a penetração do Espírito Santo, tudo o que o Verbo, através de Maria, comunica-nos no seio da Igreja manifestando-o em obras e frutos de santidade.

Viver de fé é viver de Deus, de Cristo, de Maria; é engolfar-se na vida das três divinas Pessoas; é receber a mensagem do Verbo Encarnado; é abrigar-se na Maternidade de Maria; é escutar, receber e aderir a tudo o que nos diz a Igreja, recebido de Cristo, na sua comunicação de amorosa e sapiencial sabedoria dos mistérios divinos.

O dogma riquíssimo da nossa Santa Mãe Igreja tem que ser comunicado em sabedoria e amor; e não o apresentando como uma coisa fria e esquemática, esquematizando e esfriando a vida luminosíssima, vital e amorosa da nossa fé; reduzindo-a às vezes a conceitos tão frios,

³² Hb 11, 1.

³³ Tg 2, 19.

que se nos fazem obscuros, complicados e até tão difíceis de assimilar.

Deus é Sabedoria Expressada em Amor. Cristo, Verbo do Pai, Templo vivo e Santuário de Deus entre os homens, veio para comunicar-nos no seio da Igreja a sua sabedoria amorosa:

«Destruí este templo, e em três dias eu o levantarei». Disseram-lhe, então, os judeus: “Quarenta e seis anos foram precisos para se construir este templo, e Tu o levantarás em três dias?”. Ele, porém, falava do templo do seu corpo. Assim, quando ele ressurgiu dos mortos, seus discípulos lembraram-se de que dissera isto, e creram na Escritura e na palavra dita por Jesus»³⁴,

e a Igreja dá-nos os mistérios eternos, em sabedoria que é saber –de saborear– e, portanto, no amor.

Por isso, quem quiser receber a riqueza infinita da Igreja em conceitos frios e esquemáticos, não está em disposição de saber –de saborear– os mistérios da nossa fé, que são e se comunicam no amor; pois são a vida de sabedoria e amor que Deus *se é* e que quer viver conosco em intimidade de família no seio espaçoso e maternal da Mãe Igreja;

novo Povo de Deus que Jesus encomendou aos seus Apóstolos, fazendo Pedro Rocha e Fundamento da sua Igreja e Pastor universal do

³⁴ Jo 2, 19-22.

seu Rebanho: «Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei minha Igreja, e as portas do inferno nunca prevalecerão contra ela. Eu te darei as chaves do Reino dos Céus e o que ligares na terra será ligado nos Céus, e o que desligares na terra será desligado nos Céus»³⁵.

«Apascenta os meus cordeiros»... «Apascenta as minhas ovelhas»³⁶.

O Pai, conhecendo-se a si mesmo, rompe em Palavra de fogo. Essa Palavra é o seu Verbo, o seu Filho, quem diz tudo o que tem no Seio da Trindade, já que é a Expressão da realidade divina e eterna. Mas este Dito ou esta Palavra que diz o Pai pelo seu Filho, só é pronunciada no amor do Espírito Santo. Por isso, quem quiser escutar a Palavra divina friamente e sem amor, não recebe o Verbo; porque o Verbo só se comunica e é dito no amor no Seio da Trindade e nas almas que se abrem à ação santificante do mesmo Espírito Santo.

«Em Jesus Cristo, o que vale é a fé agindo pelo amor; ser ou não circuncidado não tem importância alguma»³⁷.

Que alegria tão grande sente a minha alma de ser cristã...! Que dogma tão maravilhoso o

³⁵ Mt 16, 18-19. ³⁶ Jo 21, 15. 17. ³⁷ Gl 5, 6.

da minha Igreja santa...! Que felicidade viver de fé, esperança e caridade, e que gozo saber que, para o cristão que vive o seu cristianismo, não há fronteiras nem de tempo, nem de lugar, nem de distâncias, nem de séculos...!

Filho da Santa Mãe Igreja, como em Deus não há tempo e para a *alma-Igreja* não há ribeiras, tudo o que foi vinte anos atrás, tu o podes viver realmente agora por meio da fé, da esperança e da caridade e através da Liturgia.

Não tenho que invejar ninguém!, pois escutei que o Senhor disse a Tomás: «Porque viste, creste, felizes os que não viram e creram»³⁸.

Tenho impressa na minha alma a luz da fé que me é mais certa do que os meus próprios sentidos, sendo-me mais seguro o que ela me ensina, do que tudo o que eu, por mim, possa saber. Já que experimento-me e sou mais Igreja que alma e antes deixaria de ser alma que Igreja católica, apostólica e romana.

Pela minha inserção em Cristo estive com Ele em todos os passos da sua vida, e tenho a alegria de poder viver em cada momento o mistério de Jesus que mais me agrada. Porque, guiada pela fé, penetro nos segredos recônditos da Igreja, e abrasada na caridade, cheia de esperança, recebo em mim todos estes mistérios vividos no amor ou na dor, acompanhando Jesus nos momentos da sua vida.

³⁸ Jo 20, 29.

Tenho uma alegria que não tiveram os discípulos do Senhor; e é que agora, depois de vinte séculos, podendo pela fé viver aqueles momentos, o desenvolvimento da Igreja deu à minha alma um conhecimento que eles não possuíam por não terem recebido ainda a plenitude do Espírito Santo.

Pelo qual, com os pastores, vou ao portal de Belém e, sabendo para o que vou, penetro no profundo mistério que ali se realiza, iluminada pelos dons do Espírito Santo, que acende a minha fé. E no mesmo momento em que o Verbo sai do seio de Maria, recebo-o na minha alma antes que Ela coloque-o no presépio. Porque não tinha quem o recebesse, «Maria o enfaixou e o colocou na manjedoura»³⁹. Esta frase do Evangelho tem um profundo mistério: foi vontade do Pai que Jesus fosse colocado entre as palhas para manifestar-nos que «veio para o que era seu e os seus não o receberam»⁴⁰.

Minha alma antecipa os pastores e vive, na luz claríssima da fé, aquele momento, que só os Anjos puderam aperceber, do nascimento do Verbo da Vida.

Nesse mesmo instante abro o meu coração para que a Virgem Santíssima deposite-o na profundidade recôndita do meu espírito; e ali, aconchego-o, acaricio-o e beijo-o, e em silêncio de esposa, aproveito estes momentos nos quais o

³⁹ Lc 2, 7.

⁴⁰ Jo 1, 11.

meu Deus feito Homem, gemendo com o pranto de um menino, estava ansioso de comunicarnos o seu pregão, e recebo-o do modo que Ele desde toda a eternidade esperava de mim.

Vamos ver quem é mais feliz, aqueles pastores ou eu...? Eles não sabiam como tinham que fazê-lo; mas a mim a fé, por ser filha da Igreja e dentro desta Santa Mãe a última, mais pobre, pequenina e miserável, ensinou-me, inflamada no amor e repletando a minha esperança, a aproveitar este momento do nascimento de Jesus para receber a mensagem de amor eterno que, ao encarnar-se, o Verbo veio comunicar-nos.

Estive no presépio e na cruz; vi a glória do Verbo divino na sua ascensão; recebi as suas primeiras palavras e as últimas. E tudo porque a fé, iluminada pelos dons do Espírito Santo, penetrando-me da sua sabedoria amorosa, excedendo os meus sentidos, faz-me viver.

«Como é grande, ó Senhor, vossa bondade, que reservastes para aqueles que vos temem! Para aqueles que em vos se refugiam, mostrando, assim, o vosso amor perante os homens. Na proteção de vossa face os defendeis... no interior de vossa tenda os escondes»⁴¹.

Jesus teve tudo presente desde o momento da sua concepção até a sua ascensão aos Céus. Por isso o que tu vivas agora, neste momento,

⁴¹ Sl 30, 20-21.

Ele o recebeu vivido então, tendo a alegria e o consolo de ver-se acompanhado por ti nos passos da sua vida; e tu tens a alegria, não de tê-lo acompanhado num passo da sua vida uma só vez, mas que, durante todos os momentos da tua existência, pela tua vida de fé, esperança e caridade, transcendendo o tempo, podes acompanhá-lo no presépio, em Nazaré, na sua vida pública..., coisa que não puderam fazer então os que com Ele estiveram, se não viveram de fé.

Toda a minha vida, vivida assim, é viver...!; toda a minha vida, vivida assim, dá vida; toda a minha vida, vivida assim, é felicidade, verdade, fartura, plenitude e fecundidade... Por isso, com toda a alegria do meu coração, posso dizer que, mediante a minha vida simples de fé, esperança e caridade, não há nada que não possua, nem ninguém a quem possa invejar.

Minha alma dilatou a sua capacidade, e, vivendo na verdade com toda a verdade que encerra o dogma riquíssimo da Santa Mãe Igreja, não há nada que busque, necessite e deseje que não tenha.

O cristão que vive o seu cristianismo busca também fazer partícipes os outros da felicidade que ele possui; pelo que experimenta e tem urgências de chegar a todas as partes, já que a sua caridade pede-lhe que ajude todos, en-

chendo-lhes de vida sob o impulso do Espírito Santo que o lança a levar almas para Deus, filhos para o seu Seio. «Eu me sinto devedor a gregos e a bárbaros, a sábios e a ignorantes»⁴².

E diante da sua impotência de ação, ao ver que o círculo de pessoas que o rodeiam é tão limitado, e que a exigência como infinita de chegar a todos os homens é a sua missão, só pode descansar plenamente «entre o pórtico e o altar»⁴³; sabendo pela fé que ali, em atitude sacerdotal, a sua irradiação abrange todos sem distâncias, sem tempo, sem condição de raças, sem fronteiras. Nessa atitude sacerdotal chegará a todos os tempos e abraçará todas as almas.

Diante da força da oração, não há ninguém que fique sem receber o influxo da *alma-Igreja* que vive profundamente o seu cristianismo; sendo a sua irradiação segundo a participação que pela sua vida de fé, esperança e caridade tenha de Deus; participação que lhe dá, segundo a sua medida, mais ou menos força para exercer o seu sacerdócio peculiar em favor dos outros.

Filhos da Igreja, Nova e Celestial Jerusalém, fundada por Cristo e encomendada aos seus Apóstolos, vinde ao banquete divino do Amor Eterno. Vinde, que a minha alma com a Igreja, em atitude sacerdotal, está «entre o pórtico e o altar», tirando o tesouro do coração de Deus para vo-lo comunicar.

⁴² Rm 1, 14.

⁴³ Jl 2, 17.

Alma querida, qualquer que sejas, talvez a mais desamparada da terra, a mais esquecida, a mais incompreendida, a mais sozinha, a que crês que não tens ninguém em quem descansar, para mim és a mais querida.

Quero que saibas que por ti, ó filha queridíssima da minha *alma-Igreja*, que te aprofundas no silêncio da incompreensão e do olvido, estou «entre o pórtico e o altar» exercendo o meu sacerdócio, e chorando, como Santa Mônica, para alcançar de Deus a vida que tu necessitas. Quero que saibas também que nem o tempo nem as distâncias existem para mim; para mim é o mesmo que vivas neste século, que tenhas existido no princípio dos tempos ou vás a viver no final dos mesmos.

Sejas desgraçada ou feliz, tu que este escrito lês, deves saber que a minha alma por estar enxertada em Cristo sendo Igreja católica, apostólica e romana, esteve contigo nestes momentos em que o silêncio e a solidão te envolve, acompanhando-te e dando-te calor de lar. Porque experimento-me pelo meu desponsório com Cristo mãe tua, já que não há distâncias nem tempos para a esposa do Espírito Santo, que, sentindo-se fecundada por Ele, sabe-se mãe universal de todas as almas, experimentando em si que ama todas e cada uma, com a mesma capacidade ao amar todas que ao amar cada uma.

Mas, como poderia dar-te vida a ti, se a minha postura não fosse estar «entre o pórtico e

o altar», única maneira de poder chegar a todos os tempos?

«Entre o vestíbulo e o altar chorem os sacerdotes» e as virgens do Senhor, com todo aquele que, sendo membro do Corpo Místico de Cristo, Igreja viva, necessite dar glória a Deus e vida às almas pela sua vida e a sua palavra; mediante o exercício do sacerdócio específico de cada um, participando da plenitude do Sumo e Eterno Sacerdote, o Ungido de Iahweh, unigênito de Deus, Jesus Cristo seu Enviado.

O qual «nos dias de sua vida terrestre, dirigiu preces e súplicas, com forte clamor e lágrimas, àquele que tinha poder de salvá-lo da morte. E foi atendido, por causa de sua piedade. Mesmo sendo Filho, aprendeu o que significa a obediência, por aquilo que Ele sofreu. Mas, quando levou a termo sua vida, tornou-se causa de salvação eterna para todos os que lhe obedecem»⁴⁴.

Em postura sacerdotal, implorando a clemência do Deus infinitamente Santo, viva «entre o pórtico e o altar» o Povo de Deus, exercendo o seu sacerdócio oficial ou místico.

«Deles fizeste, para nosso Deus, uma realeza de sacerdotes»⁴⁵. Sacerdócio místico que, por

⁴⁴ Hb 5, 7.

⁴⁵ Ap 5, 10.

um derramamento infinito do seu amor misericordioso inclinando-se à pequenez e ruindade do meu nada, a mim, a última e a mais pequenina das filhas da Igreja e dentro desta Santa Mãe o Eco dos seus cantares; aos pés do sacrário, o divino Mestre tão constante, profunda e saboreavelmente pedia-me e fazia-me viver, imprimindo no meu espírito o modo como devia realizá-lo. Para fazer a minha consagração tão fecunda que chegava a todas as partes e a todos os tempos pela irradiação do meu ser de Igreja universal, sendo membro vivo e vivificante no seio da Santa Mãe Igreja.

Na minha postura sacerdotal, Jesus ia derramando sobre a minha alma, sedenta de escutá-lo e abrasando-me em necessidade de recebê-lo e dar-lhe descanso, os lamentos do seu peito que se desbordava em doações eternas sem ser recebido pela maioria dos homens e especialmente por muitos dos seus eleitos.

Para que, reclinada no seu coração, recebesse-o em reverente prostração adorante;

e com a plenitude dos seus mesmos dons, respondesse-lhe na minha postura sacerdotal entre Ele e os homens;

e assim, recompilando quanto desde o seu peito bendito recebia, pegasse-o com alma aberta e coração enamorado, e, volvida para as almas, espiritualmente corresse por toda a terra para esparzi-lo, em manifestação e irradiação orante, pela minha vida e a minha palavra;

e sentindo-me impulsada a chegar e recompilar os homens de todo tempo, povo, raça e nação, trouxesse-os para Ele, apresentando-me com eles diante da sua Santidade infinita, para oferecê-los a Ele como incenso num hino de louvor e reparação em retorno de resposta diante dos seus dons recebidos.

Sendo assim, pelo exercício do meu peculiar sacerdócio na postura sacerdotal com a qual o mesmo Jesus com a sua sapiência divina ilustrava o meu espírito, glória para Ele, descanso do seu coração dolorido, e consolo do seu penoso e doloroso Getsêmani.

Esta era a maneira simples, profunda e universal de orar em postura sacerdotal, que Jesus ensinava à minha alma, prostrada em reverente adoração aos pés do sacrário, desde os primeiros anos da minha consagração a Ele, apoiada no seu peito como São João na Última Ceia, para que a vivesse e a manifestasse.

O qual enchia o meu espírito enamorado diante da necessidade veementíssima que experimentava de dar glória a Deus, e vida às almas mediante o exercício do sacerdócio peculiar que fecundava a minha virgindade tão maravilhosamente que, na minha irradiação, chegava em todas as partes. De forma que tudo ficava sob o influxo da minha maternidade espiritual, fruto do meu desponsório com Cristo, Esposo das virgens, Conquistador de amores e

Doador de infinitos dons em frutos de vida para as almas e conquista do seu Reino.

Que feliz é Deus...! E, que ditoso quem, vivendo da fé, que é mais clara e certa do que a luz do meio-dia, de esperança e de caridade, experimenta em si uma plenitude de vida, de felicidade, de posse e de amor tal que possa dizer pela sua inserção em Cristo como membro vivo e vivificante do seu Corpo Místico: «Se alguém tem sede, que venha a mim e beba»⁴⁶ e quem tenha fome, que venha a mim e coma; porque enchendo-me de vida divina mediante o meu sacerdócio peculiar, fez-se em mim uma fonte que salta até a vida eterna!, inflamada nas minhas ânsias de: Glória a Deus!, almas para o seu seio!

Filho da Santa Mãe Igreja, qualquer que sejas, abre-te ao que te diz o Verbo no seio da Igreja. Por meio da tua vida de fé, recebe os seus ensinamentos com amor, para que se façam vida em ti.

E não te esqueças que a fé não é um ensinamento obscuro e frio, mas que é a mesma luz de Deus que ilumina os corações, acesa nas chamas do Espírito Santo, que te quer comunicar a sua vida, realizando-a em ti, mediante os ensinamentos simples, mas profundos e luminosos, que, na Santa Mãe Igreja por meio da

⁴⁶ Jo 7, 37.

nossa fé, cheia de esperança e inflamada na caridade, dão-se-nos e comunicam-se-nos com coração de Pai, canção de Verbo e no amor do Espírito Santo.

«Quem me segue não andarás nas trevas, mas terá a luz da vida». «Chamou-vos das trevas para a sua luz maravilhosa»⁴⁷.

Não esqueças tampouco, sacerdote de Cristo, alma consagrada, membro vivo e vivificante do Corpo Místico de Cristo, que a vida de Deus é infinitamente distinta e distante do que tu pensas, do que tu entendes, do que tu conheces e com os teus sentidos e conceitos humanos possas compreender.

Já que a vida de fé é preciso penetrá-la desde o pensamento divino, e vivê-la e iluminá-la mediante os dons e frutos do Espírito Santo.

Pelo que os teus conceitos humanos, se não os sobrenaturalizas, não servem diante da fé; senão que mais te obscurecem. Pois a fé é a manifestação esplendorosa em comunicação de sabedoria amorosa dos mistérios divinos:

«Os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, e os vossos caminhos não são os meus caminhos. Quanto os céus estão acima da terra, tanto os meus caminhos estão acima dos vossos caminhos, e os meus pensamentos acima dos vossos pensamentos»⁴⁸.

⁴⁷ Jo 8, 12; 1 Pd 2, 9.

⁴⁸ Is 55, 8-9.

E por isso às vezes te parece que esta é obscura, não porque em si o seja, mas porque tu estás cego. Explica a um cego como é o sol, que enquanto não desapareça a sua cegueira, ele verá tudo preto.

Filho da Santa Mãe Igreja, sabe que, se queres viver da lumeeira da fé luminosa, de cintilante sabedoria, tens que ser simples e pequenino; pois só aos pequeninos, como dizia o divino Mestre, são-lhes manifestados os segredos do Pai: «Eu te louvo, ó Pai, Senhor do Céu e da terra, porque ocultastes estas coisas aos sábios e doutores e as revelaste aos pequeninos»⁴⁹.

E o conseguirás pela tua vida de fé em teu contato com Deus que mora em ti –já que pela graça és templo vivo de Deus e morada do Altíssimo– e escutando o Senhor em grandes tempos de intimidade aos pés do sacrário.

E sobretudo, recebendo o Verbo da Vida Encarnado, «Luz de Luz e Figura da substância do Pai»⁵⁰, que se nos doa em Alimento e em Bebida pela palavra de um dos seus ungidos, no divino e sublime Sacramento da Eucaristia, ao que tens que ir a comer aquele Pão de vida, bebendo no caudal dos infinitos Mananciais; já que «tem mais fome quem te come e mais sede quem bebe das tuas águas»⁵¹.

⁴⁹ Mt 11, 25.

⁵⁰ Cf. Hb 1, 3.

⁵¹ Cf. Eclo 24, 29.

3-7-1974

SUBLIMES CONTRASTES

Contrastes inexplicáveis
do meu espírito oprimido,
pois busco Deus, incansável
com lamentos acesos,
e o tenho na plenitude
do meu interior, escondido.

Chamo-o sem descansar,
com sedentos alaridos,
porque a sua ausência é carregada de penas
pela posse que anseio.
Encontro-o perto e o almejo
em contraste dolorido.

Como direi meus afãs
por ter Deus comigo,
quando o sinto no meu peito
como um vulcão aceso?

Desejo-o sem encontrá-lo
e o tenho possuído,
vivendo sempre sedenta
em Mananciais divinos.

Sou fome e saturação,
martírios...!, grandes suplícios...!
Como dizer o que busco,
se já encontrei o que anseio?

Vivo com Deus e sem Ele,
em segredo incompreendido,
porque o tenho e o anseio
em tão fortes rangidos,

que, em abrangência apertada
do meu espírito afligido,
a minha apetência é possuí-lo
em saturante martírio.

Mistério de terra e Céu
em plenitudes contido!
Como busco o Deus que tenho
no meu peito reprimido?

Bem sabe Deus os contrastes
que eu, nos meus amores, vivo!

27-1-1972

DEUS FALA AO MEU CORAÇÃO

Deus fala ao meu coração sem palavras,
em romances de amores eternos,
em martírios de morte,
em urgências de Céu,
em saudade que é vida,
na noite feroz do inverno.

Mas é Deus quem me diz,
no seu modo de falar sem conceitos
e sem coisa de cá, seu divino dizer,
que é obrar, em meu ser, seu mistério;
seu mistério que é vida e é morte,
que é luz e segredo,
em provas terríveis
ou em dizeres silentes de Eterno
em dias de sol luminosos.
Não sei como é o meu mistério...!

Mas é Deus quem me fala a seu modo,
limpando na minha alma
-obrando no meu peito-
tudo o que fica em mim
de homem velho.

É Ele quem me prova
em profundos cautérios,

deixando-me só
de quanto apeteço,
para que não busque mais coisas
que dar-lhe descanso e que esteja contente;

e isto é obrado
pelo toque eterno
em penas de morte,
em noites de inverno,
em descobrimento de quanto é querer
com meu pensamento.

Deus é quem me leva,
isso o sei certo!
pelo que apercebo
em toque de fogo,
em passo divino
ou em doce mistério.

Que perto está o Ser
em todo momento!
quando peno em vida
terrores de inferno,
ou quando a luz
enche meu interior;

sempre tenho Deus
em cautério lento
que queima a minha entranha
em toque de Eterno.

Sinto Deus muito profundo...,
ainda que não o sinto!

Que mistério é este,
que o tenho perto e o sinto longe,
que não sinto nada
e todo o meu ser é um sentimento
de que Deus me ama
e de que está longe...?

*Do livro «Frutos de oración»
«Frutos de oração»*

1.050. A fé viva é saborosa e delectável, misteriosa e silenciosa, secreta e profunda, porque é luz sobrenatural que nos faz entrar no mistério de Deus, possuído em esperança pela alma que, atrás da busca do Amado, encontra-o. (9-12-72)

1.052. A vida de fé é adesão ao Infinito Ser na sua eterna Verdade; mas, adesão que rompe em luz de sabedoria, com a penetração gozosa do seu saboreável fruto, pela participação do mesmo Infinito. (14-10-74)

1.054. Pela nossa vida de fé, recebemos tudo o que o Verbo disse na sua Igreja; pela caridade, aderimos a isso no amor do Espírito Santo; e, pela esperança, confiamos em que todos estes bens são para que os vivamos aqui em noite e na Eternidade em luz. (5-9-66)

1.060. Os dons do Espírito Santo são Deus mesmo nos seus modos de dar-se. Ele é a vida simplicíssima e, ao dar-se-nos, o faz de distintas maneiras no seu dom, que são dons; e, diante destes dons, experimentam-se uns frutos divinos, segundo os dons recebidos, que nos enchem de gozo. Que simples é o nosso cristianismo!, que rico!, e quanto e como o complicamos ao separar tudo por esquemas e teses...! (5-9-66)

1.066. A minha vida de fé está cheia aos pés do sacrário, onde o Mistério de Deus dá-se-me na intimidade saborosa e pacífica do silêncio. (14-9-74)

1.067. Quando a noite é mais escura, a minha fé se faz mais firme, com a esperança de quem ama, sem buscar mais coisas que amar o Amor pelo que Ele em si é. (7-8-73)

1.068. A esperança é o meu gozo e o meu martírio; o meu gozo, porque espera a plenitude de quanto anseia; e meu martírio, porque busca arrojante o que ainda não possui. (1-12-77)

1.072. Nunca a minha alma pode pensar que perdeu tudo, porque, na sua perda, encontra-se que tem Deus, a quem nunca se perde se não é pelo pecado. (5-10-66)

1.075. A fé é a ante-sala da glória; quem a vive, degusta e saboreia a doçura da vizinhança da Eternidade. (14-10-74)

1-2-1973

ESPERANÇA CERTA

Ó esperança certa
que ilumina a minha vida
na fé segura
de uma grande saudade!

Ó esperança certa,
que acende o meu peito,
qual vulcão em chamas,
nos ardores
daquela manhã
quando eu contemple,
atrás de mil albores,
a Luz Eterna,
excelsa, incriada
que se oculta envolta
atrás dos resplendores
da sua eterna chama!

Quando eu contemple,
ó doce esperança!,
entre os albores
do Eterno em brasas,
aqueles fulgores
que a Deus engalanam...

* * *

Deus mesmo é os lumes
da sua grande Lumeeira,
porque *se é* o Sol
que o seu ser penetra;
já que em Deus não há partes,
e em si mesmo encerra
tudo quanto é,
com seus infinitos
matizes em brechas.

Ó doce esperança
que alivia minhas penas
e cheia as ânsias
da minha grande espera,
fortaleza sendo
de profundezas secretas
quando, no caminho
de uma vida incerta,
alço para os Céus
minhas ânsias ressecas...!

Ó doce esperança,
segura e certa,
abre os portões
da tua grande Lumeeira...!;
corre os véus
e arrasta com força,
com o grande ímã
da tua vida plena,
a alma que vaga
envolta entre penas.
Corre o portão,
o portão fechado,

que, atrás do Abismo,
calmará as ânsias
que meu ser impregnam!

Ó doce esperança
que a minha vida enche!

«*Frutos de oración*»

793. O Espírito Santo ficou com o Papa e com os Bispos que, unidos ao Papa, têm o seu mesmo sentir e a sua única unidade, para que a Igreja seja una na unidade de Deus. (22-11-68)

55. Os Pastores da Igreja são os que têm, mantêm e comunicam o grande tesouro que Cristo encomendou a seus Apóstolos e, ainda que esse tesouro esteja contido em vasos de barro, que em qualquer momento algum deles pode-se quebrar ou romper, a comunidade de todo o Colégio Episcopal é ânfora preciosa, repleta de Divindade, para saturar todos os homens que, de boa vontade, queiram encontrar a verdade e o amor. (22-11-68)

56. A Igreja é um mistério de unidade; e para que seja una na unidade de Deus, o Espírito Santo ficou com o Papa e com os Bispos que, unidos a ele, proclamam a unidade da Igreja na sua verdade, na sua vida e na sua missão. (22-11-68)

57. Só na Igreja, onde está Cristo manifestando-se pelo Papa, dá-se a Verdade em toda a sua verdade ao homem que a busca na voz do Supremo Pastor. (7-1-70)

794. Ó maravilha da infalibilidade do Papa, que é capaz de congregar todos os homens

num só pensamento, e expressar-lhes com segurança a vontade infinita de Deus através da sua palavra de homem! (25-10-74)

795. A Igreja nunca se equivoca, quando fala como Igreja, porque é o Verbo quem canta por ela. O Verbo apregoa a verdade infinita do Pai, através da minha Igreja, durante todos os tempos. (20-3-59)

796. A Igreja estoura de tanto possuir a Verdade, de tanto saber a Palavra Divina; rompe cantando e derrama-se-lhe a Verdade que sai do Seio do Pai. Igreja minha, que formosa és! (22-3-59)

58. Que alegria tenho de ser filha da Igreja...! Ela nunca se equivoca quando fala como Igreja; eu posso equivocar-me. Por isso, se a tudo o que tenho na minha alma a Igreja dissesse não, por um impossível, eu me arrancaria a alma, porque antes que alma sou Igreja. (18-4-59)

7-4-1978

VI A IGREJA

Vi a Igreja engalanada,
toda ela saturada
da Santidade Eterna,
cheia de Divindade,

com suas têmeoras coroadas
como uma esposa enjojada;
sendo Deus mesmo o Consorte
que a une à sua Divindade,

e o Herói enamorado
que se sente cativado
pelo rosto da sua Esposa,
selada em virgindade.

E, depois de vê-la Rainha,
tão esplendente e tão bela,
repleta de ricas jóias
e ungida pela Divindade,

a vi rompendo em soluços,
unida a Cristo seu Esposo,
pelos filhos que se foram
da sua entranha maternal.

Um manto negro cobria
a face da Igreja minha

numa pena tão profunda,
que jamais poderei esquecer;

pois à minha Rainha enjoiada
a vi na terra, jogada,
coberto seu rosto em pranto
e implorando-me piedade.

Piedade, à minha alma ferida
e em tantas penas afundada
por não encontrar a maneira
de sabê-la consolar!

Anos de angústia penando
vão à minha alma deixando,
oprimindo meus cantares,
sem poder-se levantar.

Nuvens de densas trevas
que aos homens desconcertam
com asfixiantes angústias
vi na Igreja penetrar;

e, na sua figura aparente,
hoje se a vê repelente,
porque o passar dos homens
a enfeou com sua maldade.

Ó rosto de Deus potente,
resplendor de eternas fontes,
Sol de fogo luminoso

de incontida bondade...!
Vejo o poder do Imenso
que, em cintilações eternas,
pela glória da sua Amada
abrasado em zelo está.

Quem resistirá aquele dia
que tua ira contida
exija conta aos homens
do tesouro que nos dás?

Vi tanto e tão denso,
que, ainda que quisesse expô-lo
na urgência que me oprime,
jamais o poderei lograr!

Teus olhos cintilavam,
pois tua glória reclamava
reparação da ofensa
que ultraja a tua Santidade.

Amador de meus amores,
que és na minha Igreja Sóis,
rompe já a densa névoa
com tua imensa majestade!

Eu cantarei teus cantares,
ainda que morra em meus penares,
que hoje oprimido em minhas profundezas,
para lograr-te aplacar.

Jesus de minhas agonias,
eu te quero consolar!

«Frutos de oración»

603. A vida de Jesus é tão grande em imensidade, abrangência, cumprimento e largura, que ultrapassa o tempo e a distância. E, sendo o Cristo Grande, vive em todos os tempos e para todos eles; pelo que, em qualquer tempo, se o pode viver na doação comunicativa do seu mistério. (24-10-74)

606. Jesus une-me a Ele pelo mistério da Encarnação, no seu tempo, e une-se a mim, no meu, através do Batismo; ao ficar enxertada n'Ele passo a ser membro do seu Corpo, do qual Ele é a Cabeça, desaparecendo os impedimentos do tempo para viver a realidade do Sumo e Eterno Sacerdote na plenitude de quanto é, vive e manifesta. (15-9-74)

612. A vida de fé, esperança e caridade, é maior e mais extensiva do que a distância e o tempo. E não é que Jesus venha ao meu tempo ou eu ao seu, não; é que, pelo mistério da Igreja, Ele abrange todos os tempos e durante todos os tempos, pelo que Jesus está comigo e eu estou com Ele realmente, ainda que sob o mistério. (26-10-74)

636. O Verbo Encarnado vivia em cada momento da sua vida numa imolação oferecida em amor e dor. (11-11-59)

637. Que terrível é a abrangência do mistério da redenção, que fazia Jesus viver, num mesmo

instante, com Deus numa dimensão incompreensível, e com todos os homens em entrega de amor, em necessidade de resposta, e em negativa de ingratidão por parte deles! (22-9-74)

640. É possível que Tu tenhas passado este momento de tanta dor para mim, tenha-o sofrido comigo, compreendendo-me totalmente...? Obrigada, Jesus! (21-10-59)

646. Que triste está Jesus na Quinta-feira e na Sexta-feira Santa, porque não entramos na profundidade profunda da sua solidão amarga! (26-3-64)

647. Hoje todos falam dos marginalizados... Mas, quem se lembra do Amor Eterno, marginalizado, desconhecido, esquecido e até desprezado e ultrajado? Não há lugar para pensar n'Ele! O homem insensato esqueceu o Amor e marginalizou-o. (25-5-78)

22-1-1976

SÃO DURAS AS MINHAS PENAS

São profundas as minhas penas,
qual nunca pensasse:

Cristo dilacerado...!
Igreja chagada...!
Vítima do Pai,
Oferenda aceita...

Sumo Sacerdote...,
missão prolongada
por todos os tempos
na minha Igreja santa...

Palavra Infinita,
Canção silenciada
que estoura em sangue
de expressão sagrada...

Alma dolorida,
oração calada
que apercebe queixas
de Aquele que lhe fala...

Petições profundas,
perfurante espada
que, aguda e sangrenta,
fere as entranhas...

Olhos penetrantes,
divino ensino,
por onde o Deus vivo
se diz à minha alma...

Quem saberá o segredo
das horas longas
junto ao meu sacrário,
amando a quem ama...?

Consolos recíprocos
de Amado e amada,
comunicações,
penas consoladas...

Segredos do Céu
descoberto em brasas,
e abrindo vulcões
de rompentes chamas...

Penas tão profundas
são as que me embargam,
que só chorando
meu ser descansa.

Lágrimas que brotam
em profunda câmara
onde o Ser imenso
pôs a sua morada...

Quem saberá o mistério
de Deus, quando fala

ao ser adorante
que diante d'Ele se abaixa...?

Colóquios de amores,
ternuras sagradas
em ditos de amantes
sem dizer palavra...

Mútuo entendimento
do Ser e o nada
que escuta o Eterno
envolto em suas chamas...

Meu Cristo bendito,
Igreja imolada,
alma dolorida,
sangrenta e velada...

Penares profundos
dos que se amam,
pois, se meu Deus chora,
o que não fará a minha alma...?

São duras as minhas penas
qual jamais pensasse!

14-2-2001

JESUS NO SOPÉ DO MONTE

Véspera de Cristo Rei...!
De que modo contaria
o que se imprimiu na minha alma
este inolvidável dia,
do ano cinqüenta e nove
quando de pena morria
vendo meu Jesus penando
em tão profunda agonia,
que minha alma lacerada,
sem saber o que ocorria,
rompeu em soluços profundos;
e prostrada de joelhos,
reverente e adorante,
contemplava emudecida
como Deus mesmo chorava,
enquanto que eu recolhia
o lacrimejar carregado de penas
que do seu rosto caía.

Hoje minha alma submergida
na profundeza palpitante
e duramente carregada de penas
do Deus da Eucaristia,
viveu quedamente
e em maneira tão subida
o mistério transcendente
de Cristo quando vivia;

e, de um modo surpreendente!
quando, adorante, via
no peito do Mestre
cheia de sabedoria,
um mistério sacrossanto!
de tanta soberania!,
que, por muito que o expresse,
jamais o proclamaria
como eu o contemplara
sumida em tanta agonia
ao ver meu Deus prostrado
e que num pranto rompia.

Véspera de Cristo Rei...!
Sem saber como seria,
imprimiu-se na minha alma em dó,
porque eu em dó vivia
pelas provas tão carregadas de penas
que em meu viver continha,
isto que hoje quero contar,
em amor enternecida.

De maneira surpreendente
vi um campo...!, e nele havia
um montículo pequeno
de uma altura reduzida,
que, de repente, ficou
impresso em mim, pois tinha,
no seu sopé, um Homem orando
e carregado de penas!,
que a sua oração repetia
com um clamor que deixou
minha alma submergida

em penares tão profundos
como eu nunca diria.

Já que no sopé do monte
Jesus em pranto rompia!,
apoiado com seu corpo,
porque não se sustinha;
e porque, orando prostrado,
orante ao Pai pedia
pelos homens deste século,
pois este século vivia.

Suas mãos estavam juntas
e ao Céu se dirigiam,
apoiando-se no monte
que meu penar descobria,
com seu corpo desabado,
enquanto sua alma gemia.

Vi o seu rosto levantado,
cheio de soberania!;
perdendo-se nas alturas
o seu olhar dolorido;
e ao mesmo tempo se deslizavam
pelas suas divinas bochechas
lágrimas que o empapavam
enquanto que ao Pai dizia:

«Nem te conhecem a Ti!»,
Pai, como Tu querias,
«nem me conhecem a mim...!»;

estando a sua alma sumida
em imensas amarguras,

porque o mundo não sabia
o porquê dos seus penares,
nem o chorar que eu via
envolvia quedamente
o Deus da Eucaristia.

«Nem te conhecem a Ti!»,
«nem a mim!»,
na minha alma se imprimia.

Só escutei estas palavras...!
Mas já bem compreendia
quanto no meu peito gravaram;
pois a sua missão conhecia
pelas comunicações
que Ele no meu interior punha
ao longo dos anos,
e eu em silêncio vivia!

Hoje já sei porque foi isto
tal como o vi aquele dia,
véspera de Cristo Rei!,
quando o meu Jesus via
chorando em tantos penares,
que o seu soluçar sentia
na profundeza do meu peito
com terríveis agonias,
e, numa dor tão amarga,
que a minha alma submergia
no queixume que o Cristo
quis dizer-me aquele dia,
e assim rompesse em cantares
dentro da Igreja minha.

Quanto, em nada, compreendi
aquele tenebroso dia,
ainda que fosse luminoso
por quanto em mim se imprimia...!!:

Jesus isto o viveu
durante toda a sua vida
em tudo e cada momento
com a sua terrível agonia!,
cheio de profundos penares
e em triste melancolia
nos anos em que Ele vivera,
e no correr dos dias
que escolhera para estar
aqui em nossa companhia,
dizendo-nos a sua missão
nos modos que Ele podia
como Homem, sendo Deus,
ao querer dar-nos a sua vida
em mistério transcendente
de divinal agonia.

Porque poder, tudo pode,
Ele, que é a Soberania;
coeterno com o Pai,
em amores que culminam
em Beijo de amor eterno
que é Pessoa tão divina,
que, com o Pai e o Filho,
vive por sempre em Família;
mas, pela sua humanidade,
morando dentro na vida
que vivemos nós mortais,
Deus se amoldou cada dia,

na maneira e no modo
que a Ele mesmo comprazia,
a nosso estilo de ser:
era um Homem que existia
distinto, ainda que era igual,
de quantos com Ele viviam!

Véspera de Cristo Rei...!
Minha alma se estremecia
com romances de ternuras
que, em confiança, punham
meu espírito ardendo em brasas,
porque meu Cristo via
que se queixava chorando:

o mundo não conhecia
nem o Pai Eterno nem Ele...!

E por isso um profundo espinho
a sua alma perfurava
em terríveis agonias.

Eu vi, ali, naquele monte,
trememente e surpreendida,
que do rosto de Jesus
muitas lágrimas caíam...!

E vi que Deus chorava...!
e que na sua cara tinha
um penar tão dolorido,
que o seu ser se estremecia
pelos pecados do mundo!
e que de pena morria,

ainda que não fosse o momento
de ir embora desta vida.

Mas, morria na alma,
porque num morrer vivia
o Cristo do Deus bendito
sempre e em todos os seus dias,
pelo penar tão carregado de penas
que no seu existir continha.

Em todo e cada momento,
um Getsêmani sofria!

Eu vi que Deus chorava...!
e pela cara corriam,
do Deus que se fez homem,
lágrimas que em si diziam,
num dizer sem palavras
que em soluços reprimia,
volto para seu Pai Eterno:

o mundo não conhecia
o mistério transcendente
que Ele a dizer-nos vinha
desde o Seio daquele Pai,
com o qual sempre vivia
na altura dos Céus
em divinal companhia
–por *ser-se* a Majestade,
de excelsa Soberania
de infinita transcendência–
por séculos que não terminam
e que nunca começaram...!;

porque princípio não havia
n'Aquele que, sendo o Coeterno,

em seu princípio existia,
sem mais princípio que Ele *ser-se*,
sempre *sendo-se-a* e sida,
a Subsistência coeterna
e do Pai recebida.

Véspera de Cristo Rei...!,
de que modo Deus sofria...!

Eu vi que Deus na terra
por Cristo se nos dizia
num chorar tão penoso
que em lágrimas irrompia
por aquele rosto divino.

Lágrimas que se imprimiam
dentro da profundidade profunda
do meu peito que morria
ao ver que meu Deus chorava;
e que acertar não sabia
minha pobre alma, penando,
como o consolaria
no transcurso do tempo,
segundo se me descobria
o penar de Cristo em dó
durante toda a sua vida;

vivendo em cada momento
na sua alma submergida
em dores indizíveis,
o transcorrer da vida
de todos e cada homem
que no mundo existiriam;
e os quais, com o seu sangue,
por amor redimiria:

todos os que bebessem
do manancial da vida
que desde o Seio do Pai
sobre a terra caía
pelo lado do Cristo,
afluente da vida,
em torrenciais caudais
que do seu peito fluíam.

Eu vi que Deus chorava...!
E, como o vi aquele dia!
quando assim o contemplava,
sem saber como seria
aquilo que estava vendo;
porque, sem vê-lo, via
o Cristo do Deus bendito
que, no meu modo, me dizia
o amor do Deus eterno
que pelos homens morria.

Mas algo me surpreendeu
que expressá-lo não poderia
por mais que o procurasse
ao longo dos meus dias:
o ver que era o século vinte
pelo que Cristo sofria...!

Ele viveu todos os tempos
no tempo em que Ele vivia:
Mas a mim se apresentou
com a sua alma dolorida
num sublime momento
em que na sua vida sofria
pelos homens deste século,

no modo que Ele tinha
para viver cada instante
que os homens viveriam
no correr dos tempos
que em si mesmo continha.

E eu, sem poder dizer
o que, sem vê-lo, via...!

É difícil expressar,
aquilo que compreendia,
quando contemplei, adorante,
como meu Jesus sofria,
naquele monte prostrado
e ao longo da sua vida,
todas as minhas penas e gozos,
tendo-me a Ele unida,
vivendo comigo agora
o tempo que eu vivia.

Soube que era o século vinte!
o que o Cristo submergia
naquele profundo penar
de terríveis agonias,
que até o fez romper,
por tudo o que via,
num pranto tão carregado de penas
que mais penar não cabia,
ainda que sempre cabe mais
no Verbo da Vida.

«Nem te conhecem a Ti, nem a mim»,
Pai..., Deus dizia.

E eu sem saber o modo
como o consolaria...!

14-9-1997

MEU DEUS, MEU DEUS, POR QUE ME ABANDONASTE...?

Anonadada e ultrapassada diante do insondável e inexaurível mistério da Redenção no Calvário, junto com a Virgem Mãe da maior dor, a minha alma, afundada no infinito pensamento da Santidade Eterna, ofegante de amor e cheia de ternura, em postura sacerdotal de adoração reverente e escutando os lamentos em gemidos da alma de Cristo, necessita beber dos eternos Mananciais que brotam em caudais do seu lado.

E desde a baixeza do meu nada, escutando as palavras do Divino Redentor, receber as sapienciais e sacrossantas pronunciações em soletração amorosa; com aquele que, no último romance de amor do seu duro peregrinar, o Cristo do Pai, «suspenso no madeiro como um maldito»¹ entre o Céu e a terra, entre Deus e os homens, entre a Santidade Infinita e o pecado, «riso dos homens e desprezo do povo»², manifesta-nos o amor com que nos ama.

Não só dando a sua vida como Cordeiro Imaculado e sem mancha, mas chegando, na laceração mais inimaginável em manifestação

¹ Cf. Gl 3, 13. ² Sl 21, 7.

do esplendor da sua glória, lacerantemente traspassado na medula do seu espírito, a expressar-nos, nas assinaturas do seu testamento de amor, as pregas mais recônditas, íntimas e sacrossantas do palpar da sua alma dolorida.

Pois, em demonstração gloriosa e dilaceradora, doa-se em expressão canora de retorno reparador à Santidade do Deus três vezes Santo ultrajado e ofendido.

E em manifestação majestosamente soberana de vítima sangrenta, apresentando-se diante desta mesma Santidade d'Aquele que É com a carga inumerável de todos os nossos pecados, clama, como despavorido, no momento supremo da Redenção da humanidade caída, e como Reparador de toda ela em e pela plenitude do seu Sacerdócio:

«Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste...?»³.

E a minha alma, profundamente penetrada pelo infinito pensamento e submergida no transcendente mistério da Redenção, rompe em expressão comunicativa, cheia de lamentações, diante desse momento sublime da consumação da Paixão sacrossanta do Divino Redentor;

que é e encerra em si o abraço eterno de Deus com o homem mediante a união hipostática da natureza divina e a natureza humana na pessoa do Verbo, em matrimônio indissolú-

³ Mt 27, 46.

vel de desponsórios eternos entre a criatura e o Criador, pelo mistério sublime, tão profundo como transcendente e desconhecido, da Encarnação; realizado nas entranhas puríssimas da Virgem por vontade do Pai, sob o impulso abraçador do arrulho amoroso do Espírito Santo.

Mistério descoberto para a alma amante que, vivendo sob o amparo de Nossa Senhora toda Branca da Encarnação, é introduzida pela mão do Onipotente no regaço da Virgem que, de tanto ser Virgem, rompe em Maternidade divina sob o ímpeto infinito e eterno, divino e divinizante do esvoaçar sagrado em passo de Esposo do Espírito Santo.

O qual, «com a sua mão direita abraça-a e com a esquerda sustenta-a»⁴, para que a Senhora não desfaleça de amor diante da sua brisa em silêncio cadente de passo de fogo, que, em ternos requebros de amor, enobrece-a e engalana-a tão maravilhosamente que a faz Mãe do mesmo Deus infinito Encarnado;

Mãe do Amor Formoso, que dolorosamente aos pés da cruz, no exercício do peculiar sacerdócio da sua Maternidade divina, oferece ao Pai o unigênito Filho de Deus, que feito Homem é também seu unigênito Filho, em oblação co-redentora de Maternidade divina e universal:

«Perto da cruz de Jesus, permaneciam de pé sua Mãe...; Jesus, então, vendo a sua Mãe e,

⁴ Cf. Ct 8, 3.

perto dela, o discípulo a quem amava, disse à sua Mãe: “Mulher, eis o teu filho!”. Depois disse ao discípulo: “Eis a tua Mãe!”. E a partir dessa hora, o discípulo a recebeu em sua casa»⁵.

Enquanto que a alma enamorada, veneradora e adorante, abismada na profundidade sacrossanta da Encarnação, como em vôo, penetrando no *Sancta Sanctorum* da Senhora, saboreia em sabedoria amorosa algo do grande mistério que n’Ela se realiza;

ficando a criatura transcendida e profundamente anonadada diante do poder, em lançamento sobre a Senhora, da excelência do Infinito Ser, que a penetra com o néctar riquíssimo do saboreamento da sua mesma Divindade, iluminando, desde a altura da sua excelsitude, os limpos de coração.

Os quais «verão a Deus»⁶ na terra do modo que o mesmo Deus só sabe, sob a cintilação luminosíssima da fé que, enchendo-os de esperança, os faz suspirar ofegantes durante este peregrinar pelo amanhã da Eternidade.

Onde contemplarão o Mistério infinito do Ser transcendente na luz da sua mesma Luz, sem podê-lo abranger pela perfeição em posse e em subsistência infinita e eterna d’Aquele que *se É*; abrasados no amor coeterno do Espírito Santo, que os introduzirá no Festim infinito das divinas Pessoas para sempre, com a plenitude da sua

⁵ Jo 19, 25-27.

⁶ Mt 5, 8.

esperança repleta, mediante a posse do mesmo Deus que os fará ditosos por toda a Eternidade.

Segredos que a criatura não é capaz de penetrar tal qual são e muito menos de manifestar, por mais que o procure, valendo-se das suas pobres expressões; e que a mente entorpecida do homem carnal, tão acostumada a viver dos seus pobres e humanos pensamentos, é ainda mais impotente de compreender.

Ó mistério da Encarnação realizado pelo infinito poder d’Aquele que *se É*...!

Onde teve princípio a reconciliação de Deus com a humanidade caída pelo pecado dos nossos primeiros Pais, nas entranhas da Nova Mulher. A qual sendo Virgem, e por obra do Espírito Santo, daria à luz um Filho a quem daria o nome de Emanuel, «Luz de Luz e Figura da substância do Pai»⁷; em manifestação esplendorosa do poder de Iahweh que, derramando-se em compaixão de ternura e misericórdia sobre o homem, em romances de amores eternos, no instante sublime e transcendente da Encarnação, cumpriu a sua promessa anunciada pelos santos Profetas: «Eu te amei com amor eterno»⁸; «Sereis o meu povo e Eu serei o vosso Deus»⁹.

Já que, pelo mistério da Encarnação, «o Verbo se fez carne e habitou entre nós»¹⁰, unin-

⁷ Cf. Hb 1, 3.

⁹ Ez 36, 28.

⁸ Jr 31, 3.

¹⁰ Jo 1, 14.

do em si Deus com o homem em matrimônio indissolúvel de desponsórios eternos entre a criatura e o Criador, entre o Tudo e o nada, entre a terra e o Céu: «Eu te desposarei a mim para sempre, eu te desposarei a mim na justiça e no direito, no amor e na ternura. Eu te desposarei a mim na fidelidade e conhecerás a Iahweh»¹¹.

Sendo este o princípio perfeito e abrangente da reconciliação de Deus com a humanidade caída, que o Divino Mestre foi-nos manifestando durante os trinta e três anos da sua vida no doloroso Getsêmani da sua paixão incruenta, na qual Jesus veementemente clamava:

«Devo receber um batismo de sangue, e como estou ansioso até que isto se cumpra»¹².

«Se alguém tem sede, venha a mim e beba»¹³. «Mas quem beber da água que Eu lhe darei, nunca mais terá sede. Pois a água que Eu lhe der tornar-se-á nele uma fonte de água jorrando para a vida eterna»¹⁴.

Reconciliação que culminou na paixão dolorosa do Ungido de Iahweh, o Cristo do Pai, expressando os sentimentos mais profundos e íntimos do seu coração palpitante de amor e ternura: «Povo meu, Povo meu, o que pude fazer por ti que não tenha feito»¹⁵, em transbor-

¹¹ Os 2, 21-22.

¹³ Jo 7, 37.

¹⁵ Cf. Is 5, 4.

¹² Cf. Lc 12, 50.

¹⁴ Jo 4, 14.

damento de amor cheio de compaixão misericordiosa sobre o homem?

Amor que se nos manifesta, pelo esplendor da glória de Iahweh, único Deus verdadeiro, no seu unigênito Filho, Jesus Cristo seu Enviado, com o derramamento do seu sangue redentor no patíbulo da cruz.

No qual, o Divino Redentor, pendurado de um lenho, com os braços estendidos e o coração traspassado, demonstrou-nos que «ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos»¹⁶.

E pregado entre o Céu e a terra, e na plenitude do exercício do seu Sacerdócio, com gemidos que são inenarráveis pelo Espírito Santo, compreendendo que chegara o momento cume e sublime da Redenção —«quando eu for elevado da terra, atrairei todos a mim»¹⁷—; exclamava, ao sentir-se abrasar em sede torturante de resgatar toda a humanidade do pecado cometido contra a Santidade infinita de Deus ofendida e ultrajada:

«Tenho sede...!»¹⁸;

resseco na terrível agonia da sua dolorosa paixão que o levou a dar a vida para salvar-nos, e com a sua alma palpitante e dilacerada diante do desamor dos que amava.

«Tenho sede» de dar glória ao Pai e de levar as almas ao seu seio, para saciar, com o der-

¹⁶ Jo 15, 13.

¹⁷ Jo 12, 32.

¹⁸ Jo 19, 28.

ramamento do meu sangue, a sede resseca do coração sedento do homem.

Chegando a manifestação de que «tendo amado os seus, que estavam no mundo, amou-os até o fim»¹⁹, como numa loucura de amor infinito do Bom Pastor que dá a vida pelas suas ovelhas em dilaceradora imolação, quando, ao sentir-se como abandonado pelo Pai, exclama:

«Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste...?»

Palavras misteriosas, que, penetrando aguda e dolorosamente a medula do meu espírito em prostração reverente de profunda e venerante adoração diante do Ungido de Iahweh pendente de um lenho, e aprofundada no pensamento divino, fazem-me compreender algo da dor dilacerante da alma de Cristo:

Num transbordamento de dilaceração e desolação de pavorosa e aterradora solidão pelo rechaço do Pai contra o pecado que, carregando sobre os seus ombros, sendo o Cristo, Ele tinha que reparar em e pela plenitude do seu Sacerdócio, como Reconciliador do homem com Deus, «gritou com voz potente:

“Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste...?”»

¹⁹ Jo 13, 1.

Palavras carregadas de mistério, que culminam com o fruto da Redenção mediante a reconciliação de Deus com o homem, pelo desolador desamparo do Cristo do Pai; implorando o perdão de misericórdia à Santidade infinita do Deus ofendido –«Pai, perdoa-lhes: não sabem o que fazem»²⁰– que exigia, por justiça, reparação infinita mediante a imolação do seu unigênito Filho, feito Homem, na plenitude e pela plenitude do seu Sacerdócio exercido entre Deus e os homens, entre o Céu e a terra, entre a humanidade e a Divindade.

«Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste...», se sou o Filho das tuas complacências, o Santo que mora sempre em teu Seio e que vim aos homens para imolar-me em sacrifício cruento de reparação à tua Santidade infinita ultrajada e ofendida...?:

«Tu não quiseste sacrifício e oferenda. Tu, porém, formaste-me um corpo. Holocaustos e sacrifícios pelo pecado não foram do teu agrado. Por isso Eu digo: Eis-me aqui, –no rolo do livro está escrito a meu respeito– Eu vim, ó Deus, para fazer a tua vontade.

E graças a esta vontade é que somos santificados pela oferenda do corpo de Jesus Cristo, realizada uma vez por todas»²¹.

«Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste...?»

²⁰ Lc 23, 34.

²¹ Hb 10, 5-10.

Esta pobre e pequena, desvalida e assustada filha da Igreja, sendo introduzida de alguma maneira na profundidade destas palavras, num momento de expectativa penetrativa e anegada de dor, compreendeu algo do seu sacrossanto mistério.

Penetrando nele para que o manifestasse, foi-lhe descoberto em sabedoria amorosa de aguda profundidade –do modo que a criatura, enquanto viva neste desterro, pode saber os segredos dos mistérios divinos para que os proclame– algo do significado recôndito dessas dolorosas palavras, que dilaceraram a alma santíssima de Cristo até a medula do espírito; cheio de amor e laceração pela experiência do desamparo desolador, não só da humanidade, mas do mesmo Pai, no momento cume da sua crucificação ignominiosa, em redenção de cruenta imolação.

Que terríveis mistérios me fez Deus penetrar e descobrir na alma de Cristo, como abandonado pelo Pai!, clamando dilacerantemente desde o mais profundo e pungente da sua alma que, ao sentir-se como rechaçada, exclama com gemidos que são inenarráveis:

«Por que me abandonaste», se sou teu Ungido, gerado, não criado, da tua mesma natureza, tua Palavra, o Cantor das tuas infinitas perfeições, a Manifestação da tua vontade cumprida em doação infinita de amor ao homem, o Filho das tuas complacências, que moro sempre no teu Seio, abraçados no amor coeterno do Espírito Santo?

«Por que me abandonaste...?!»

Compreendendo o meu espírito, adorante e lacerado, que, com essas palavras, Cristo manifestava o abandono, a solidão e a angústia da sua alma, ao ser Ele o Receptor dos pecados de toda a humanidade, ainda que era o Santo, o Impecável –«aquele que não conhecera o pecado, Deus o fez pecado por causa de nós, a fim de que, por Ele, nos tornemos justiça de Deus»²²–; e que na sua alma santíssima contemplava Deus cara a cara, inundada pelo gozo mais profundo diante da visão beatífica e sem véus, em todos e cada um dos momentos da sua vida, da glória do Onipotente, que Ele mesmo era pela sua Pessoa divina, e a quem respondia em louvor, ação de graças e adoração infinita.

Sendo precisamente a contemplação sem véus da Santidade infinita do Deus altíssimo que se opõe com a terribilidade de todo o seu ser ao mais mínimo movimento pecaminoso, a que proporcionava a Cristo a dor maior enquanto morava na terra; e especialmente no momento redentor da cruz diante do contraste de ter que carregar sobre si os pecados de todos os homens, que se opõem a todo o ser de Deus manifestando-se em vontade de Santidade contra o pecado.

²² 2 Cor 5, 21.

Pecado que Cristo conhecia na sua justa medida como ofensa e rebelião contra o Deus três vezes Santo, ao contemplá-lo cara a cara na profundidade luminosíssima que correspondia à humanidade da sua mesma Pessoa como Verbo Encarnado.

Chegando a dor e o martírio da sua alma a ser como incontido diante do choque de Deus que pede reparação, e de Deus que se imola, sendo Homem, em representação dos pecados da humanidade e com a carga de todos eles; reclamando a misericórdia compassiva do perdão, que o seu sangue divino de reparação imoladora exigia em justiça, na luta definitiva como Representante do pecado dos seus irmãos, em conquista de glória redentora.

Pelo que, ao volver-se o Cristo para o Pai, implorante, como representação e com a carga ingente de todas as nossas culpas, a Santidade infinita do Eterno Ser tinha que volver o rosto diante de tudo aquilo que Ele representava –mas não diante do seu unigênito Filho no qual tinha todas as suas complacências– em rechaço!, pela perfeição intocável da Santidade Eterna.

Repercutindo este rechaço na alma santíssima do Cristo do Pai, que, como Divino Redentor, na plenitude do exercício do seu Sacerdócio, como um maldito, pendurado entre o Céu e a terra, «desprezado e abandonado de todos, homem do sofrimento, experimentado na dor, indivíduo de quem a gente desvia o olhar, re-

pelente, d'Ele nem tomamos conhecimento»²³, implorava, como Misericórdia Infinita Encarnada, à Misericórdia Infinita ultrajada, o abraço Reconciliador do Pai com o homem;

sendo Ele o Homem Deus que tira os pecados do mundo, e que, pela imolação da sua vida em sacrifício de reparação de méritos infinitos, exigia, em justiça, diante da vontade do Pai cumprida por Ele em derramamento do seu sangue redentor, que o mesmo Pai manifestasse a sua vontade de perdão sobre a humanidade inteira.

Cristo, como o Unigênito do Pai, e sendo Ele o Homem representante de todos os homens, ao mesmo tempo que o Deus que tinha que ser reparado;

em e pela plenitude do exercício do seu Sacerdócio, reclamava a clemência, por justiça de reparação infinita, diante do Deus três vezes Santo ofendido...!;

numa como luta, sem luta, entre o Pai que, como Infinita Santidade, não podia abraçar seu Filho com a carga de tantos pecados, e a petição sangrenta do seu Filho imolado:

«Pai Eterno, sou o Filho das tuas infinitas complacências como Deus e como Homem; ou me abraças como estou diante de Ti com a carga dos pecados de todos os meus irmãos, ou

²³ Is 53, 3.

fico rechaçado, como Primogênito em representação da humanidade, com todos eles».

Não sei como a minha língua pecadora e entorpecida poderá expressar o que penetrava e compreendia o meu espírito, no instante-instante cume e supremo da Redenção, iluminada pelos Fogaréus sapienciais de Deus, diante da luta, sem luta, do Deus imolado, que pedia misericórdia ao Deus ofendido, o qual Ele mesmo era...

Esta pobre filha da Igreja, sem saber, em seu limitado balbuciar, como decifrá-lo, contemplava a Infinita Santidade volvendo-se contra o pecado em repulsa infinita, e o Cristo do Pai que lhe pedia implorante em reverente adoração:

«Pai, recebe-me, abraça-me, como ao teu unigênito Filho, no que sou por Ti mesmo; e abraça-me também, como o Representante de toda a humanidade, com a carga inumerável dos pecados de todos os meus irmãos que represento diante de Ti, e pelos que te reparo infinitamente».

Compreendendo e contemplando, ultrapassada e atônita, cheia de veneração, respeito e santo temor de Deus, anonadada e tremente, num instante sublime de expectativa surpreendente, de reparação infinita para Deus, e de glória inimaginável para o homem;

como a Santidade Eterna, num momento como de vacilação amorosa cheio de compaixão,

ternura, misericórdia e amor –que repercutia tão dolorosamente na alma do Redentor, sentindo-se agônico e desamparado– mas sem vacilação, porque não cabia vacilação no coração do Pai para abraçar, com todas as conseqüências o seu Filho, a quem sempre tem no seu Seio gerado e gerando-o, e tendo o rosto volvido contra o pecado que Este representava;

volvendo-se para Cristo, seu unigênito Filho, Luz da sua mesma Luz e Figura da sua substância, uno com o Pai e o Espírito Santo num mesmo ser, que mora sempre no Seio do Pai, o Filho das suas complacências, Palavra Canora das infinitas perfeições, e que o reparava infinitamente com a imolação em sacrifício cruento, sob o impulso do mesmo Espírito Santo; como num delírio de loucura do Amor Infinito estourando em compaixão cheia de misericórdia, abraçou-o!!; e, com Ele, toda a humanidade!

Ainda que com o rechaço conseqüente do «não» desta mesma humanidade, se não se acolhia ao sangue redentor do Filho de Deus Encarnado.

E este é o mistério do amor de Deus pelo homem!, que o mesmo Deus fez-me compreender e que eu nunca saberei explicar por faltar à língua humana expressão para soletrá-lo na sua proclamação do indizível e incomunicável.

E o Pai, em doações de infinitas misericórdias, abraçando seu Filho que se apresentou diante

d'Ele em reparação e com a carga dos pecados de todos os homens, manifesta em complacência amorosa e infinita diante do seu Unigênito imolado, a sua divina vontade foi cumprida em reparação redentora de valor infinito e que a restauração do homem caído foi verificada.

Pelo que Jesus, em continuação, diante do abraço do Pai e da consumação do seu Sacrifício infinito em reparação efetuada, «para que se cumprisse a Escritura disse:

“Está consumado”.

“Pai, em tuas mãos encomendo o meu espírito”»²⁴.

E com estas palavras, o Ungido de Iahweh, o Cristo do Pai, inclinando a sua cabeça, descansando com o seu triunfo de glória na sua luta final como Redentor, expirou.

Resgatando com a sua morte a humanidade como Representante de Deus diante dos homens e como Representante de todos os homens com o seu «não» arrepiante, diante da Santidade infinita de Deus ultrajada e reparada infinitamente por Ele.

Que luta amorosa de tão profunda e intensa dor, fez-me o Senhor compreender!, de mistério e de amor, de misericórdia e ternura, de rechaço e compaixão, caindo misericordiosa-

²⁴ Jo 19, 28. 30; Lc 23, 46.

mente sobre a miséria do homem em manifestação do esplendor da glória de Iahweh, que é tudo quanto pode ser, e pode fazer possível o impossível por meio do mistério da Encarnação que uniu Deus com o homem na pessoa do Verbo; que, em prodigiosa proclamação do derramamento do seu amor, morreu crucificado em redenção cruenta, porque «as suas misericórdias são eternas»²⁵ e não têm fim.

Que luta –sem luta–, a que se estabeleceu entre a Santidade do Pai ofendida, que não podia aceitar o pecado, e a mesma Santidade que, no seu Unigênito, volvida para o Pai, implorava-o, em laceração suprema de infinita e cruenta imolação:

«Abraça-me com toda a humanidade, ou me rechaças com toda ela».

E assim, o Representante de Deus entre os homens, efetuou a Redenção durante todos os momentos da sua vida, mas especialmente na luta do triunfo final de amorosa misericórdia; na qual o Cristo do Pai, imolado e pendurado de um lenho, como Cordeiro Imaculado e sem mancha, mas com a carga de todos os nossos pecados e representante da humanidade, volvido à Santidade do Pai, de si mesmo e do Espírito Santo, ofendida, exclamou com gemidos inenarráveis:

«Meu Deus, meu Deus..., por que me abandonaste...?!».

²⁵ Sl 135.

E desta maneira tão gloriosa, tão sublime, tão inimaginável, surpreendente e quase impossível, tão divina e tão humana; pela manifestação do Amor Infinito pela miséria, no Unigênito do Pai e pelo Unigênito do Pai, Deus fez, pela magnificência do seu infinito poderio, possível o impossível: abraçou o Homem carregado com os pecados de toda a humanidade!

E Cristo, mediante a sua morte e ressurreição, por este abraço, no exercício da plenitude do seu Sacerdócio; a todos os que, beneficiando-nos do seu sangue santíssimo, aproveitemos dele brotando em caudais pelo furo das suas cinco chagas e do seu lado aberto, pelo qual se abriram e fluem os infinitos e eternos afluentes dos Mananciais de água viva que salta até a vida eterna; leva-nos ao gozo da participação da mesma vida de Deus em luz de Eternidade, cumprindo o fim para o qual fomos criados, e restaurados pelo mesmo Cristo.

E quando Jesus «exclamou com forte voz dizendo: “Meu Deus, meu Deus..., por que me abandonaste...?”» no momento cume da Redenção da humanidade;

e depois disso «quando Jesus tomou o vinagre, disse: “Está consumado!” e inclinando a cabeça, entregou o espírito»²⁶, e «um dos soldados traspassou-lhe o lado com a lança»²⁷;

²⁶ Jo 19, 30.

²⁷ Jo 19, 34.

essas palavras santíssimas do Unigênito do Pai e do Filho da Virgem, perfuraram tão dilacerante, aguda, penetrante e profundamente a Mãe dolorosa do Calvário, que foi realizada e cumprida n’Ela a profecia do velho Simeão:

«Eis que este menino foi colocado para a queda e para o soerguimento de muitos em Israel, e como um sinal de contradição, – e a Ti, uma espada traspassará tua alma!– para que se revelem os pensamentos íntimos de muitos corações»²⁸.

Podendo dizer a Virgem com seu Filho: «Meu Deus, meu Deus..., por que me abandonaste...?». E acrescentar com Ele:

«Tudo está cumprido».

Morrendo com Ele em morte mística ao pé da cruz.

E terminada a Redenção, apoiada a Virgem na força onipotente do seu Filho, e recaindo sobre Ela o fruto de toda a Redenção, descansou com a sua missão co-redentora universal terminada e cumprida em derramamento de Maternidade sobre todas as almas, como a Mulher que esmagaria a cabeça da serpente com o Fruto do seu ventre bendito.

Ficando a Virgem na espera da ressurreição do seu Filho, e comunicando-nos n’Ele e com Ele a vida eterna que, pelo fruto da Redenção

²⁸ Lc 2, 34-35.

do mesmo Cristo, é concedida aos que morrem no pé da cruz cruenta e incruentamente, e ao amparo da Maternidade co-redentora de Maria na espera do triunfo definitivo de Cristo.

«Ó culpa tão bem-aventurada que há merecido a graça de um tão grande Redentor!»²⁹ O qual, sendo a Vida, venceu a morte.

Pôde Jesus, na plenitude da perfeição que lhe correspondia como Deus e como Homem, realizar a Redenção sem passar pela experiência dramática e dolorosa do rechaço da Santidade infinita de Deus diante do pecado que Ele representava; com as conseqüências trágicas e arrepiantes para o homem da perda de Deus com tudo o que isto supõe para a criatura.

Mas quis, pela vontade do Pai que assim o determinou, em expressão, como Verbo, de soledade amorosa dessa mesma vontade, e sob o impulso do Espírito Santo; para que nada faltasse à sua humanidade com relação às conseqüências do pecado, em demonstração majestosa de como e até onde nos amava; viver voluntária, livre e experimentalmente as conseqüências do «não» dos homens a Deus que se rebelam contra a Santidade Infinita: a dor, a morte, e a dilaceração em experiência do rechaço do mesmo Deus contra a carga dos pe-

²⁹ Cf. Pregão Pascal.

cados dos homens, que Ele representava em clamorosa petição de perdão.

Ao Primogênito da humanidade, ao Reconciliador de Deus com o homem caído, porque é Amor que pode e porque é Amor e ama, sobre-lhe amor na manifestação gloriosa, divina e humana, da sua reparação infinita diante da Santidade de Deus ofendida, para passar a ser, como Homem, querendo e podendo, um a mais entre os seus irmãos.

Pelo que este «Meu Deus, meu Deus... Por que me abandonaste...?» é a máxima manifestação amorosa de Deus ao homem, e do Homem a Deus em glorificação de cruenta redenção que Cristo realizou, de como e quanto nos ama em derramamento de amor misericordioso; e de como e quanto quis e foi capaz de padecer experimentalmente na sua humanidade, não só no seu corpo, mas na sua alma, por meio do mais custoso, dramático e doloroso que Cristo pôde sofrer durante o seu duro peregrinar sobre esta terra, ao sentir-se voluntária e livremente e em demonstração do amor com o qual nos ama, como rechaçado de Deus, sem ser nem poder nunca ser rechaçado Aquele que é e tem por sua Pessoa divina, um só, único e mesmo ser com o Pai e o Espírito Santo.

Prodígio, praticamente impossível, que foi realizado pela magnificência do poder da glória do Todo-poderoso, que é capaz de ser e es-

tar-se sendo tudo quanto é, pode e quer, podendo ser tudo o infinito em infinitude; e de realizar para fora o impossível para fazer possível que Deus, ao querer fazer-se homem, um de nós, com todas as suas conseqüências, para redimir-nos, experimentasse em seu drama de amor, ao carregar os nossos pecados, o que supõe perder Deus e sentir-se rejeitado por Ele.

Obrigada, Jesus! Eu sabia algo de como e quanto nos amavas; mas o que não pude nem suspeitar até este dia, sob a luz do teu infinito pensamento, pela grandeza e magnificência da tua realidade divina e humana, é o que és capaz de fazer e padecer para demonstrá-lo a mim.

Pelo que a minha alma enaltecida, enamorada e em profunda comoção, cheia de amor puro e delirante por Ti, exclama com o autor desta profunda e belíssima poesia:

Não me move, meu Deus, para querer-te o Céu que me tens prometido;
nem me move o inferno, tão temido,
para deixar por isso de ofender-te.

Tu me moves, Senhor; move-me o ver-te pregado numa cruz e escarnecido;
move-me o ver teu corpo tão ferido;
movem-me tuas afrontas e tua morte.

Move-me, enfim, teu amor, e de tal maneira que, ainda que não tivesse Céu, eu te amaria, e, ainda que não tivesse inferno, te temeria.

Não me tens que dar porque te queira: porque, ainda que o que espero não esperasse, o mesmo que te quero, te quereria.

Sendo Tu, Jesus meu, o Homem Deus, que tendo em Ti «toda a plenitude da Divindade»³⁰, diante do olhar dos que não te conhecem, és capaz também de suportar que a mente do homem, obscurecida e entorpecida ao não te conhecer e, portanto, não te compreender na grandeza da tua sublime e subjugante realidade, sendo tanto Deus como Homem pela união da tua natureza humana com a tua natureza divina na pessoa do Verbo;

voluntária ou involuntariamente desfigure tanto a tua realidade divina, que se atreva a des-sacralizar-te, chegando em seu entorpecimento a profanar-te, apresentando-te só quase como mais um homem, por não penetrar que em Ti habita a plenitude da Divindade.

Convertendo-se deste modo a mente do homem, ofuscada e entenebrecida, em pedra de escândalo e ruína das almas; não reconhecendo que «Deus o exaltou acima de tudo e lhe deu o Nome que está acima de todo Nome. Assim, ao nome de Jesus, todo joelho se dobre no Céu, na terra e abaixo da terra, e toda lín-

³⁰ Cl 2, 9.

gua proclame: “Jesus Cristo é o Senhor” para a glória de Deus Pai»³¹.

Diante do qual, anonadada, esmagada sob o peso da minha miséria, delirante de amor e ternura, quero, Jesus, beijar teu lado aberto, tuas mãos perfuradas, tua cabeça jorrando sangue e coroada de espinhos em ultraje sacrílego da flagelação; e receber com Maria, tua Mãe Santíssima, ao pé da cruz, a gloriosa e santíssima redenção para que me repare, aperfeiçoe e me santifique.

De forma que, em retorno de resposta amorosa ao derramamento do teu amor em manifestação de esbanjamento de misericórdia sobre a humanidade; repita o oferecimento da imolação da minha vida como no ano de 1959, quando vi a Igreja coberta com um manto de luto, e lacerada, reclamando a minha resposta de compaixão e amor. Diante do qual me ofereci como vítima ao Amor Infinito pela Igreja santa para ajudá-la.

E o dia da Epifania de 1970, também Deus a voltou a mostrar para mim jogada no chão e chorosa, ofegante e encurvada, como sentada sobre uma pedra, que volvendo-se para mim me pediu ajuda. Que dia de Epifania mais triste, mais desolador e mais amargo!: Ajuda a mim!, a última, mais pequenina, pobre, desvalida e in-

³¹ Fl 2, 9ss.

compreendida das filhas desta Santa Mãe; que sentindo-se e sendo mais Igreja que alma, antes deixaria de ser alma que Igreja católica, apostólica e romana;

Dando glória ao Pai, glória a Ti, Verbo Encarnado, Jesus Santíssimo, e glória ao Espírito Santo, na minha imolação incruenta ou cruenta, segundo a tua vontade determine-o para mim, que sempre será o melhor.

Para, em derramamento da minha maternidade universal, em Ti e por Ti, e sob o regaço da tua Mãe Santíssima, dar vida às almas no silêncio da imolação em que me encontro; procurando que cumpram o único fim para o qual foram criadas, levando ao Seio do Pai as máximas que me seja possível, e possam chegar a ser filhas de Deus, partícipes da vida divina e herdeiras da sua glória.

Obrigada, Jesus!, por quanto hoje me manifestaste, mas eu não sou digna, ainda que sei que as tuas misericórdias não têm fim, porque são eternas, e porque, à maior miséria, maior e mais abundante misericórdia.

Por isso a minha alma, com Nossa Senhora toda Branca da Encarnação, toda Virgem, toda Rainha, toda Senhora, e toda Mãe dolorosa ao pé da cruz, quer viver com Cristo e Este crucificado, e morrer no meu grito de luta incansável:

Glória a Deus! Vida para as almas! Só isso! O resto não importa!

15-2-2001

BEM-VINDO SEJA O HOMEM AO SEIO DO PAI!

Com a consumação da restauração do homem caído mediante a imolação cruenta do Divino Redentor, manifestação majestosa da excelência do Infinito Poder num esbanjamento do seu amor eterno para a glória do seu Nome e salvação das almas; culminou a Redenção do Messias prometido aos santos Patriarcas e anunciado pelos Profetas do Antigo Testamento, como Cordeiro Imaculado que foi imolado para tirar os pecados do mundo; depois do qual veio a ressurreição e a vida pelo triunfo de Cristo ressuscitado:

«Eis que estamos subindo para Jerusalém, e o Filho do Homem será entregue aos chefes dos sacerdotes e aos escribas; eles o entregarão aos gentios, zombarão d'Ele e cuspirão n'Ele, o açoitarão e o matarão, e três dias depois ressuscitará»¹.

E enquanto que «o véu do Santuário se rasgou em duas partes, de cima a baixo, a terra tremeu e as rochas se fenderam. Abriram-se os túmulos e muitos corpos dos santos falecidos ressuscitaram. E, saindo dos túmulos após a res-

¹ Mc 10, 33-34.

surreição de Jesus, entraram na cidade santa e foram vistos por muitos.

O centurião e os que com ele guardavam a Jesus, ao verem o terremoto e tudo mais que estava acontecendo, ficaram amedrontados e disseram: “De fato, este era o Filho de Deus!”²;

«Ele tomou o vinagre e disse: “Tudo está consumado”. E, inclinando a cabeça, entregou o espírito»³;

a alma do Divino Crucificado triunfante e gloriosa, remonta o seu vôo em triunfo de majestade soberana, e libertando os santos Pais que estavam esperando o seu santo advento e levando-os atrás de si, chega nos umbrais espaçosos da Eternidade abrindo-os com o fruto da sua redenção gloriosa como «Rei dos reis e Senhor dos senhores»⁴, entrando na glória; e com Ele o cortejo nupcial de uma multidão de cativos, atrás dos quais entrarão já os outros homens. «Por isso, diz a Escritura: “Subindo às alturas, levou cativo o cativo e distribuiu dons aos seres humanos”. Que significa “subiu”, senão que Ele desceu também às profundezas da terra? Aquele que desceu é o mesmo que subiu acima de todos os céus, a fim de encher o universo»⁵.

Que dia mais grande! Já entrou no Céu a alma do Primogênito dos homens.

² Mt 27, 51-54.

⁴ Ap 19, 16.

³ Jo 19, 30.

⁵ Ef 4, 8-10.

Que dia de festa tão terrível...! Que festa tão pacífica! Que paz tão grande e inalterável!

Que sábado de triunfo tão glorioso!, no qual a alma do Unigênito de Deus, que ao mesmo tempo é o Filho do Homem, abre pelo fruto da sua Redenção os portões suntuosos da Eternidade, fechados desde o Paraíso terrestre pelo pecado em rebelião dos nossos primeiros Pais; e alçam-se as antigas comportas diante do passo impetuoso de irresistível poderio da alma do Unigênito de Deus imolado, em triunfo de glória.

Enquanto que um jubiloso hino de louvor ressoa pelos âmbitos do Céu e até os últimos confins da terra:

«Levantai, ó portas, os vossos frontões,
elevai-vos, antigos portais,
para que entre o Rei da glória!

Quem é este Rei da glória?
É Iahweh, o forte e valente,
Iahweh, o valente das guerras.

Levantai, ó portas, os vossos frontões,
elevai-vos, antigos portais,
para que entre o Rei da glória!

Quem é este Rei da glória?
É Iahweh dos Exércitos,
Ele é o Rei da glória!»⁶;

o Ungido de Iahweh, diante do qual os Anjos de Deus adorando, cheios de expectativa

⁶ Sl 23, 7-10.

em júbilo glorioso, contemplavam a alma do Cristo que, triunfante, abria pelo fruto da sua Redenção com as suas cinco chagas o Seio do Pai; trazendo detrás de si ao júbilo eterno a corte gloriosa e triunfante dos antigos Pais: Abraão, Isaac e Jacó com os santos Profetas, com os irmãos de raça de Cristo do Povo de Israel, eleitos primogênitos para serem depositários das promessas de Deus ao homem, e com a legião de cativos resgatados pelo preço do seu sangue e que esperavam o seu santo advento.

Ouvindo-se nas alturas dos âmbitos espaçosos da Eternidade como um hino de triunfo:

Bem-vindo seja o Homem que abriu com as suas cinco chagas o Seio do Pai!

Já se cumpriram todas as promessas da Antiga Aliança de Deus com a humanidade, sendo Cristo a Promessa cumprida e terminada em triunfo glorioso e definitivo de conquista de glória, que entra na Eternidade vencedor do pecado e triunfador sobre a morte.

Enquanto que a minha alma, sendo introduzida por Deus naquela câmara nupcial em companhia dos Anjos, anonadada, transbordada de surpresa indizível e indescritível, e delirante de amor e de gozo; contemplava –penetrada pela sabedoria amorosa do Infinito Ser e transcendida e levantada pela mão poderosa da sua coeterna soberania cheia de poder e majestade, para que de algum modo o pudesse manifestar ain-

da que sob a limitação da minha pobreza e a ruindade do meu nada– o espetáculo mais grandioso, triunfal e surpreendente que se tenha podido realizar diante do triunfo da alma do Homem entrando em senhorio eterno, como o Unigênito do mesmo Deus, na glória da Eternidade.

Pelo que hoje, sob o impulso do Onipotente e pelo poder da sua graça, que, do modo que só Ele sabe, introduz-me nos seus mistérios para que os manifeste; expresso algo –somente do que me é possível sob o pudor espiritual da minha *alma-Igreja* e como o Eco desta Santa Mãe antes de ir com Cristo para a Eternidade– de quanto a minha alma viveu e contemplou aos 28 de março de 1959, submergida no mistério da entrada da alma de Cristo na glória, e abrigada no regaço da Virgem sob o amparo da sua Maternidade divina, feita uma coisa com Ela, e invadida pela luz da contemplação de Maria.

A qual transcendida, em passo veloz, como Rainha e Senhora, penetrava, ultrapassada de amor, júbilo e adoração, no mistério da entrada da alma de Cristo, seu Filho, na Eternidade.

Transcrevendo-se hoje algo do que afundada no mistério Deus me fez viver aquele dia em profunda veneração de contemplação amorosa em sabedoria sapiencial de reverente e profunda adoração.

«Ai Maria...! Ela, no momento em que Jesus subiu ao Pai, unida à alma do seu Filho, parti-

cupou de uma maneira tão superabundante e elevada, ultrapassada pelo gozo do Espírito Santo, da alegria, felicidade, glória e gozo ditosíssimo da alma do Unigênito de Deus e seu Filho entrando na Eternidade.

E apesar de estar Maria no desterro, a sua alma, transcendida e ultrapassada, estava com a do seu Filho; motivo pelo qual a Virgem não necessitou ir ao sepulcro... [...]⁷. Pois, antes que a ninguém, a Ela apareceu o Senhor no dia da ressurreição.

Porque Jesus introduziu sua Mãe Santíssima de tal modo nos mistérios da sua vida, morte e ressurreição, que, antes que a ninguém se descobrissem, Ela os vivia em contemplação amorosa de gozo ou dor na união participativa do mistério do Unigênito de Deus e seu Filho.

Por isso Maria, com a morte de Jesus, descansou, diante da vontade do Pai cumprida e a glorificação do seu Filho e seu Deus.

Maria estava contemplando a entrada do Filho de Deus e seu Filho no Céu, enquanto que morava na terra, como Mãe da Igreja, com os Apóstolos.

Hoje o Céu está em festa, porque entrou Jesus nele e começou a Igreja gloriosa; mas a

⁷ [...] Com este sinal indica-se a supressão de pedaços mais ou menos amplos que não se julga oportuno publicar na vida da autora.

terra está de luto porque os homens mataram o Filho de Deus, o Messias prometido e anunciado pelos santos Profetas, e os Apóstolos não sabiam o gozo que Ele tinha, enquanto que Maria o contemplava cheia de gozo indizível, inundada pelo amor do Espírito Santo. E por isso gozava com Jesus e sofria com os Apóstolos; gozava, como Mãe da Igreja, com a Igreja gloriosa, e sofria com a Igreja cheia de penas e dolorida.

Que grande e desconhecida é Maria com relação aos planos eternos de Deus sobre Ela...!»

«[...] Ó, que dia mais grande...! Quanta festa...! [...]

A alma de Jesus sai correndo..., correndo...

Que corte...! Que corte leva Cristo detrás...! [...] Que corte...! Como um noivo no dia das suas bodas...! É a Igreja triunfante...!, nova e celestial Jerusalém, restaurada pelo Sangue do Cordeiro.

Que corte tão interminável...! Que cânticos de glória...! Que júbilo...! Que júbilo...!

Rasgou-se o véu do templo porque abriu-se o Seio do Pai!

A alma de Cristo, no Seio do Pai, como Verbo e como Homem, gozando...! O seu corpo repousa no sepulcro...

Rompeu-se a antiga lei ao rasgar-se o véu do templo...! Cristo aperfeiçoou a lei ao arre-bentar na cruz...! “Tudo está consumado!”.

Já sai cantando a Igreja triunfante a Nova Aliança por Jesus...! Abriram-se as portas da Eternidade com as chagas do Cordeiro...! Romperam-se os ferrolhos de bronze com o triunfo do Verbo Encarnado...! Abraçaram-se Deus e o Homem em Cristo no triunfo inven-cível e definitivo da Eternidade!

“Glória a Deus nas alturas...”⁸. Cristo Homem entra na glória seguido por uma corte... Mas, que corte leva Cristo atrás de si, tão triunfante e tão gloriosa...!

Que dia mais grande...! Que composta está a Igreja e que contente entrando com Jesus no Céu...! E eu tão pequenina, apavorada e trê-mula, estou contemplando-o por ser Igreja, sob o amparo da Maternidade de Maria...!

Que corte leva Cristo...! É a Igreja triunfan-te, Jerusalém Celeste, regada e banhada com o sangue do Cordeiro, que hoje começa o seu triunfo glorioso em companhia dos Anjos de Deus. Hoje entra Cristo seguido da corte de to-dos os Pais antigos.

“Glória a Deus nas alturas!” cantam os Anjos. Todos se prostram diante do Homem...! Todos os Anjos prostram-se diante do Homem-Deus que entra no Céu triunfante.

⁸ Lc 2, 14.

“Glória a Deus nas alturas...”. Glória a Deus! Glória a Deus pelo Homem...!

Já o Homem está no Seio do Pai gozando da glória de Deus, como Deus e como Homem...

Bem-vindo seja o Homem ao Seio do Pai...!; o Homem que abriu com as suas cinco chagas o Seio do Pai pelo derramamento do seu san-gue divino, qual Cordeiro imaculado, na ara da cruz.

“Se, então, entregar a sua vida em repara-ção pelos pecados, Ele há de ver seus descen-dentes, prolongará sua existência, e por Ele a bom termo chegará o projeto do Senhor. Em virtude de seus trabalhos Ele há de ver uma luz e ficará saciado com seu conhecimento. Com a sua experiência, o meu servo, o Justo, fará que a multidão se torne justa pois Ele mesmo esta-rá carregando o peso dos pecados dela. Por isso vou partilhar com Ele as multidões”⁹.

Ó! O homem mais que o Anjo...!

Ó...! Os Anjos adoram o Homem-Deus! E to-dos se abrasam, prostrados em adoração, de amor diante do Homem-Deus chagado, que foi escarnecido...! [...] Todos adoram o Homem-Deus que, pelo derramamento do seu sangue, resgatou o homem caído, levantando-nos, co-

⁹ Is 53, 10-12.

mo Primogênito da humanidade, à dignidade de ser filhos de Deus no Filho e co-herdeiros com Ele e por Ele da sua mesma glória...! [...]

Que alegria tão grande no Céu...!

O Homem-Deus entra gozoso no Seio do Pai com as suas cinco chagas abertas para derramar por elas as graças para os homens.

Maria fica, todavia, no mundo, contemplando...

Que gozo! Eu contemplo, com Maria, a glória de Jesus.

Que ditoso Jesus no Seio do Pai...! Glória a Deus...! Que gozo! [...]

Que silêncio há no Céu e que festa...! É um silêncio inefável.

Que cântico de júbilo silencioso...!

Todo o Céu estático, adorante diante do Deus chagado...!

O Homem deu a Deus toda a infinita glória de reparação que Ele merece, e deixa o seu lado aberto, manancial de água viva que salta do Seio do Pai por Cristo aos homens...

Com Cristo começa a Igreja triunfante... Filha de Jerusalém, avança gloriosa como Esposa do Cordeiro Imaculado, que não terá quem se ponha diante e corte o teu passo de Rainha.

É a primeira a Igreja triunfante...! Que gozo...! Que gozo...!

Glória a Deus no Céu...! Já abriu-se o Seio do Pai para todos os filhos de boa vontade...! Nunca mais se fechará...! Cristo abriu-o... e está esperando todos os homens... Ele abriu-o e pôs-se na “porta” com os braços estendidos, para que nunca mais fechem-se os portões suntuosos da Eternidade...

[...] Que contente e jubilosa está a minha alma neste dia de glória...!

O Homem cantando a Deus o cântico novo, o cântico magno do amor...!

A alma de Cristo, perfeita e acabada, canta a Deus o cântico novo, o cântico magno que só Ele pode cantar...

Já o homem está cantando redimido, e o Pai olha os homens com amor. Cada homem fala-lhe do seu Cristo e está enxertado n’Ele; e ao abraçar Cristo em seu Seio, abraça todos os homens.

Já o homem tem uma tonalidade nova e distinta, e oferece ao Pai com Cristo, por Ele e n’Ele, em sacrifício infinito, o sangue do Cordeiro Imaculado...

Já se romperam as normas da antiga lei, o símbolo do Cordeiro Pascal...! Agora é Cristo o Cordeiro Imaculado que, em oblação perene, oferece-se ao Pai pelos homens.

Está cantando toda a terra no Homem-Deus! Toda a terra está cor de rosa...! Tem uma tonalidade nova e distinta! [...]

Tudo está em festa, o Céu e a terra: o Céu, porque entrou o Filho do Homem; e a terra porque já tem quem responda e glorifique a Deus por ela...

[...] Hoje tudo é adorar... Estou adorando e contemplando...

Que bonita está a terra...! Que canto de júbilo canta o Homem a Deus...! Que triunfante...! Que triunfante abre-se o Seio do Pai para que entrem os homens...!

Ó, mas que silêncio...! Todo o Céu em silêncio... Que gozo...! Ó, o que é o homem diante de Deus...! Meu Deus, o que é o homem por Cristo...!

Ó...! Os Anjos ministros de Deus, e os homens filhos de Deus...! Os Anjos adoram o Homem com as asas estendidas –sem asas–, [...] rosto no chão... –sem rosto–; inclinados até o chão... –sem chão–. No Céu não há chão...! Adoram profundamente anonadados o Homem Deus que, pela realeza da sua infinita excelência, abre com as suas chagas o Seio do Pai...

Já entra o Homem no Céu, e entra como Filho do Rei, não como ministro; e cada homem é um filho de Deus por Cristo. E o Pai recebe com gozo a Missa, porque recebe o seu Cristo, o seu Verbo...

Cada Missa é o Sacrifício incruento de Cristo, do Filho das suas complacências... Já entrou

no Céu o Filho de Deus feito Homem e o Filho do Homem que é Deus...!

E que cara de contente tem o Pai...! E que contente está Deus vendo o seu Verbo...! Não pode negar nada ao homem...! Abriu-se para os homens a Fonte da Vida, os Mananciais da Divindade em torrenciais afluentes de vida divina que sai como uma catarata por Cristo, pelos Sacramentos...!

Que dia de tanta glória...! Que contente está o Pai vendo no Céu e na terra o Filho muito amado em quem tem postas todas as suas complacências...! Todas...!, todas as suas complacências no Homem-Cristo...!

Todas...! Todas...! Não fica nenhuma complacência para ninguém...! Todas para o Verbo... E como o Verbo é Homem, todas as suas complacências para todos os homens que enxertados n'Ele, são o novo Povo de Deus, Assembléia sagrada, “a raça eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o Povo de sua particular propriedade, a fim de que proclameis as excelências daquele que vos chamou das trevas para a sua luz maravilhosa”¹⁰, lavado e resgatado com o preço do seu sangue divino derramado, que tira os pecados do mundo.

¹⁰ 1 Pd 2, 9.

O homem é mais que o Anjo, por Cristo, porque Ele é o Filho amado do Pai, e Cristo não se faz Anjo, faz-se homem; não se faz Anjo para redimir os Anjos que também tinham pecado.

E ao ser o Verbo Homem, o Homem tem um mérito infinito e por isso o Homem-Deus faz o homem filho de Deus e herdeiro da sua glória; menos o homem rebelde que não quer aproveitar do seu Sangue, dos seus méritos nem da sua redenção; mas esse homem rebelde, se vem à Fonte da Vida, ficará com todas as graças dos verdadeiros filhos.

[...] Ó, que gozo...! Estou contemplando anoadada, cheia de estupor e santo temor de Deus, transcendida de tudo o de cá [...] quando Jesus entrou no Céu...! Estou contemplando [...] há vinte séculos entrar a alma de Jesus na Eternidade...! Estou contemplando a alma de Cristo entrando no Céu no Sábado de Glória...; [...] o momento de subir a alma de Cristo; o que é Cristo...!, o que fazem os Anjos ao entrar o Homem..., o que é o homem para Deus; não é ministro, é filho e herdeiro da sua glória...

O homem, por Cristo, contempla com o Pai, canta com o Verbo e se abrasa em amor com o Espírito Santo...

Essa é a vida da glória...! Filhos de Deus...! Os Anjos ministros... Que alegria...! O Homem é Deus e os Anjos adoram o Homem que abre com as suas cinco chagas o Seio do Pai... [...] Já que o Homem é o Verbo do Pai, Encarnado.

[...] Que silêncio...! Que silêncio...! Que silêncio...! Deus *se é* o Imutável no seu júbilo de amor e gozo infinito e coeterno.

Ai... como entra Cristo no Céu...! Já entra Cristo no Céu, tão contente! E que contente e que composta entra a Igreja gloriosa com Cristo...!:

“Entra com todo esplendor a filha do Rei, tecido de ouro é seu vestido. É apresentada ao Rei com preciosos bordados; com ela as damas de honra a ti são conduzidas; guiadas em alegria e exultação, entram juntas no Palácio Real.

A teus pais sucederão teus filhos; deles farás príncipes por toda a terra.

Farei recordar teu nome por todas as gerações, por isso os povos te louvarão para sempre e eternamente”¹¹.

[...] O rasgar-se do véu do templo é o símbolo de que Jesus com a sua morte abriu o Seio do Pai, abrindo as comportas majestosas e suntuosas em gozo eterno de triunfo de glória, rasgando o Seio do Pai que estava fechado... E com a sua morte rompeu-se a antiga lei para começar a Nova Aliança, prometida aos nossos primeiros Pais, a Abraão, Isaac e Jacó, anunciada pelos santos Profetas, onde Deus viverá já sempre abraçando o homem que o perdeu pelo pecado original: “Sereis o meu Povo e Eu serei o vosso Deus”¹².

¹¹ Sl 44, 14-18.

¹² Ez 36, 28.

Que silêncio...! É o gozo de Deus silencioso...!

Todo o Céu está em silêncio!, ainda que esteja de festa no dia glorioso e triunfante da entrada da alma do primeiro Homem nas mansões suntuosas da Eternidade.

“Bem-aventurada culpa que nos mereceu tal Redentor!”, o qual está sentado à direita de Deus diante da expectativa gozosa de todos dos bem-aventurados que, em companhia dos Anjos, entoam o hino de louvor que só a Deus e ao Cordeiro se pode cantar.

“Em minha visão ouvi ainda o clamor de uma multidão de Anjos que circundavam o trono, os seres vivos e os anciãos –seu número era de milhões e milhares de milhares–, proclamando em alta voz:

Digno é o Cordeiro imolado de receber o poder, a riqueza, a sabedoria, a força, a honra, a glória e o louvor.

E ouvi toda criatura no Céu, na terra, sob a terra, no mar, e todos os seres que neles vivem, proclamarem: Àquele que está sentado no trono e ao Cordeiro pertencem o louvor, a honra, a glória e o domínio pelos séculos dos séculos¹³».

¹³ Ap 5, 11ss.

NOTA:

Peço veementemente que tudo o que é expresso através dos meus escritos, por crê-lo vontade de Deus e por fidelidade a quanto o mesmo Deus me confiou, quando na tradução para outras línguas não se entenda bem ou se deseje esclarecimento, recorra-se à autenticidade de quanto ditado por mim no texto espanhol; já que pude comprovar que algumas expressões nas traduções não são as mais aptas para exprimir o meu pensamento.

A autora:

Trinidad de la Santa Madre Iglesia

Imprensa: Fareso, S. A.
Paseo de la Dirección, 5.
28039 Madrid